

Permacultura: O começo de um novo ciclo



Amanda de Araújo Arruda
Bruno Rodrigues
Danilo Guerra
Juliano Felix de Brito
Leonardo Barbosa
Thiago Chamarelli

Permacultura: O começo de um novo ciclo

Livro reportagem apresentado em cumprimento parcial
às exigências da disciplina Planejamento em Projetos (Plapro),
do curso de Jornalismo/Faculdade de Letras, Artes,
Comunicação e Ciências da Educação,
da Universidade São Judas Tadeu, para obtenção do título
de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª Ms. Jaqueline Lemos

USJT - Universidade São Judas Tadeu
LACCE - Faculdade de Letras, Artes, Comunicação e Ciências da Educação
Curso de Jornalismo
São Paulo, novembro/2017

Faculdade de Letras, Artes, Comunicação e Ciência da Educação (LACCE)

Diretor: Prof Ms. Rosário Antonio D'Agostino

Coordenadora dos Cursos de Comunicação Social

Profa Dra. Jaqueline Lemos

O livro-reportagem “Permacultura: O começo de um novo ciclo” é um Projeto Experimental de alunos do curso de Jornalismo (JOR4AN-BUA), sobre orientação da profª Dra. Jaqueline Lemos na disciplina Plaprop - Planejamento em Projetos.

Alunos

Amanda de Araújo: 201415168; Bruno Rodrigues: 81613390; Danilo Guerra: 201415287; Juliano Felix de Brito: 201302891, Leonardo Barbosa: 81513731; Thiago Chamarelli: 200706436

Diagramador

Damaris Rodrigues

FICHA CATALOGRÁFICA

Arruda, Amanda; Barbosa, Leonardo; Chamarelli, Thiago; Felix, Juliano; Guerra, Danilo; Rodrigues, Bruno.

Permacultura: O começo de um novo ciclo - 2017
82.:f.

Projeto Experimental em livro-reportagem (Curso de Jornalismo) - Universidade São Judas Tadeu/SP (USJT)
Orientadora Profa Dra Jaqueline Lemos

1. Reportagem 2. Perfil. 3. Permacultura. 4. Capitalismo.
I. Título.

USJT/SP

Agradecimentos

Ao grupo que, com muito trabalho, discussão e determinação, apurou histórias e a vida de personagens singulares. À orientadora, Professora Dr^a Jaqueline Lemos que, com muita dedicação e carinho, nos mostrou o caminho das pedras do Jornalismo Literário, iniciando-nos nesta empreitada que assumimos como carreira. Ao corpo docente desta Universidade, que nos auxiliou academicamente durante o período de elaboração do trabalho e nos quatro anos de graduação. Aos nossos entrevistados, por ceder-nos suas histórias de vida emocionantes, permitindo-nos imergir no dia a dia de um tema extremamente complexo e árduo de se entender. A nossas respectivas famílias, amigos e amores que nos ofereceram suporte e ombro para não desanimarmos. E, por fim, ao “Naná” que brindou com cerveja nossas discussões acaloradas sobre o assunto.

Sumário

| | |
|-------------------|---|
| Apresentação..... | 6 |
| Introdução..... | 7 |

Capítulo I

| | |
|--|----|
| Efeitos colaterais de um sistema de três séculos: Há, se há, qual a saída e como encontrá-la?..... | 9 |
| Um tipo simples de homem..... | 13 |

Capítulo II

| | |
|--------------------------------------|----|
| Geração de renda e Permacultura..... | 22 |
| Um ciclo solidário..... | 26 |

Capítulo III

| | |
|---------------------------------------|----|
| O isolamento que torna depressão..... | 34 |
| Não dá pra viver só..... | 38 |

Capítulo IV

| | |
|---|----|
| A chuva que rega a consciência urbana e faz brotar a esperança..... | 47 |
| A resignificação da chuva que semeia a esperança para o futuro..... | 51 |

Capítulo V

| | |
|---|----|
| Decifrando a produção do alimento orgânico..... | 60 |
| Não só instrumento de subsistência, o orgânico também é amor em Arapeí..... | 63 |

Capítulo VI

| | |
|---|----|
| A Periferia em tons mais verdes..... | 72 |
| O poeta que faz poesia com terra e plantas..... | 76 |

Apresentação

Por meio do formato livro-reportagem, este trabalho pretende guiar o leitor ao aprofundamento e à compreensão do tema Permacultura. O livro-reportagem, uma modalidade pouco difundida entre o público de massa, se apresenta como alternativa aos periódicos tradicionais de notícias; podemos dizer que preenche os frívolos da imprensa cotidiana. Já a Permacultura aparece como alternativa em um mundo onde o consumo é altamente estimulado, causando danos ao planeta e à humanidade.

Este livro reportagem foi elaborado no decorrer do ano de 2017, em cumprimento parcial com o projeto experimental para finalizar a graduação em Jornalismo. O trabalho é formado por seis capítulos, cada qual constituído de uma grande reportagem e um perfil. Na grande reportagem o foco de cada repórter será o de explicar uma fase da permacultura por meio de fontes especialistas no assunto. Já os perfis são elaborados com pessoas que possuem histórias de vida ligadas a uma vertente da permacultura.

Os temas de cada capítulo, respectivamente, são: relação capitalismo x permacultura; economia solidária; permacultura na periferia; permacultura social; água de reuso na permacultura; e alimentos orgânicos.

É importante ressaltar outro tema, que não será exposto neste livro, como um importante componente da Permacultura: a bioconstrução. Este assunto pode ser vivenciado em locais mais afastados dos centros urbanos.

No decorrer do livro, é possível perceber no tema sua estrutura sustentável, levando em consideração todos os aspectos das necessidades vitais humanas para agir em equilíbrio com a natureza, fazendo com que essa interação aconteça de forma harmoniosa e objetivando a longevidade da espécie e do planeta.

Introdução

Para adentrar o tema Permacultura é preciso percorrer uma linha histórica. A começar pelo advento da Revolução Industrial (assunto do primeiro capítulo), conhecida como a transição para novos processos de manufatura, acontecida a partir de 1760 na Europa, principalmente na Inglaterra. Ela tornou os métodos de produção mais eficazes; os produtos passaram a ser fabricados mais rapidamente, barateando o preço e estimulando o consumo. Estipulou-se, a partir daí, uma ordem linear que obedecesse às demandas desse modelo de sociedade. Essa ordem é: extração de matéria-prima, produção, consumo e descarte. De lá para cá esse processo vem se aperfeiçoando continuamente. Por exemplo, a quantidade de matérias-primas extraídas da Terra passou de 22 bilhões de toneladas em 1970 para 70 bilhões de toneladas em 2010, segundo relatório apoiado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). A lógica da extração de matéria prima fez com que as pessoas que viviam de atividades agrícolas, em sua grande maioria, migrassem para regiões urbanas, causando êxodo rural. Neste contexto, os países mais ricos consomem em média dez vezes mais recursos que os mais pobres e, ainda, duas vezes mais que a média mundial. Se essa tendência se mantiver, em 2050 o planeta precisará de 180 bilhões de toneladas de matérias-primas anualmente. O que sustenta a economia desses materiais, seu processo de extração, produção e entrega é o consumo. Tudo isso acontece, como citado anteriormente, através de um sistema linear que se contrapõe à realidade da Terra, que é de um planeta com recursos finitos. Essa revolução marca a transição do capitalismo comercial para o capitalismo industrial, e é dividida em duas partes. A primeira foi baseada em atividades com vapor, carvão e ferro; a segunda, surgida a partir de 1860, empregava o uso de aço, energia elétrica e produtos químicos. Posteriormente o capitalismo industrial tornou-se capitalismo financeiro.

Todo esse ciclo gera uma quantidade excessiva de lixo, que retorna para a natureza de maneira irracional, sem utilidade e deteriorando o meio ambiente. A produção mundial de ouro, iniciada na Revolução Industrial, chegou a 2,5 mil toneladas em 2000. Neste ano, os resíduos gerados por essa produção (estéreis e rejeitos) foi de 745 milhões toneladas. Uma razão de quase 300 mil quilos de resíduos para um quilo de ouro. Isso significa que 99,99967% da mineração de ouro é puro descarte, característica plena dessa fase iniciada pós-revolução industrial. Uma série de impactos ambientais ocorrem: aumento da turbidez e consequente variação na qualidade da água e na penetração da luz solar no interior do corpo hídrico; alteração do pH da água, o que a torna mais ácida; derrame de óleos, graxas e metais pesados (altamente tóxicos, com sérios danos aos seres vivos do meio receptor); redução do oxigênio dissolvido dos ecossistemas aquáticos; assoreamento de rios; poluição do ar, principalmente por material particulado; perdas de grandes áreas de ecossistemas nativos ou de uso humano, etc. A Permacultura se apresenta então como alternativa a tudo isso.

Capítulo I
Relação capitalismo x Permacultura

Efeitos colaterais de um sistema de três séculos: Há, se há, qual a saída e como encontrá-la?

De modo a sufocar o indivíduo, o capitalismo procura não deixar brechas em prol de sua manutenção

O ano é 1760. O início da Revolução Industrial traz consigo transformações econômicas, tecnológicas, sociais e políticas. Período de transição do modus operandi da manufatura e do artesanato para as grandes e imponentes máquinas com capacidade de rendimento acelerado, em série e lucrativo para os donos do meios de produção. A Inglaterra, país onde ocorreu o início deste processo, possuía reservas de carvão mineral suficientes para a alimentação da principal fonte de energia das máquinas e das locomotivas à vapor que faziam o transporte dos produtos. Outro fator preponderante para que os anglo-saxões fossem o epicentro desta Revolução foi sua burguesia, eles dispunham do capital necessário para financiar todas as necessidades dela.

Poucos anos mais tarde, 1789, Revolução Francesa. Liberté, Egalité, Fraternité. Esse ideal de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ressoou em diversos lugares do mundo. O motivo da revolta fora a insatisfação com os comandantes absolutistas da época, impostos altos para a população que sustentava os luxos de seus “superiores”. As três palavras mágicas supracitadas vieram do movimento Iluminista, que questionava a ordem divina de poder e que esta deveria ser definida pelo homem, sendo passível de modificações. Daí entende-se a importância de tal lema e toda sua simbologia para a Revolução.

Ambas não foram chamadas de revolução à toa. Foram responsáveis por mudar toda uma cadeia de trabalho, produção, consumo e descarte. Toda uma cadeia mercadológica. Mudaram padrões de vida, classes sociais, até mesmo a arquitetura das grandes cidades, isso graças ao êxodo rural, fazendo com que pessoas deixassem suas residências nos campos e gramados verdes para o cinza das cidades e fumaça das fábricas que, gradativamente, tomaram conta por completo das paisagens urbanas e tornaram-se símbolo de empregos nas fábricas, de modernidade e de avanço tecnológico.

Três séculos mais tarde, o capitalismo ainda perdura nas sociedades. Uns de forma mais aprimorada e, por consequência, dominam o mundo através de suas economias, os Estados Unidos, por exemplo. Outros de forma menos desenvolvida, que são considerados países emergentes: Brasil. Um ponto importante a ser considerado é de que o capitalismo trabalha com excedência. Produz não apenas as mercadorias tangíveis, que podemos, de fato, senti-las em nossas mãos, ela fabrica ideais, experiências, cultura. Torna o que não é comercial, comerciável.

Quer um exemplo disso? Ernesto Guevara de la Serna. Ou, simplesmente, Che Guevara. Guerrilheiro símbolo da luta contra o capitalismo que hoje estampa a frente de camisetas vendidas em grandes lojas de

moda ou até mesmo capinhas de celulares da gigante tecnológica norte-americana Apple.

Outro exemplo em que o sistema que transforma tudo em mercadoria absorveu um conceito que era contrário a ele, é a aclamada obra cinematográfica intitulada “Clube da Luta”, baseado em um livro homônimo de Chuck Palahniuk. Desde o início até o final, observamos um personagem que está imerso na lógica do sistema capitalista e como isso o afeta de diversos modos, principalmente o psicológico. Dentre múltiplas frases, uma que resume bem todo o conceito que ele quer passar é “trabalhamos em empregos que não gostamos para comprar coisas que não precisamos”. Por mais que toda a obra seja conceitualmente contrária ao capitalismo, ela foi engolida pela indústria cinematográfica hollywoodiana. A grande sacada deste sistema econômico é inverter a lógica e os valores. O não comercial, vira comercial. O crítico vira cool. Sair desta cadeia ideológica quando já se nasce nela não é uma tarefa das mais fáceis. E isso nos leva a uma pergunta crucial: como fazer para sair?

Imagine a alegoria da caverna de Platão. Nascemos, crescemos e nos desenvolvemos dentro da caverna. Ficamos todo o tempo presos dentro daquele espaço achando que o mundo é apenas aquilo que está ao alcance de nossas mãos e visão. Estamos de costas para o clarão da entrada. Esta caverna é o sistema. Sair dela é o desafio mor. Se sair, qual seria a reação desta pessoa ao enxergar que existe mais de uma verdade, mais de um modo de se viver? Ela retornaria à caverna e contaria aos demais o que viu lá fora? Eles acreditariam?

Há pessoas que se sentem sufocadas e encontram uma maneira de conciliar uma “vida dupla”. Lucas Silveira é uma delas. Condicionado por seus pais a ter a “famigerada” vida de escritório, ele estudou e trilhou esse caminho. Conquistou aquilo que era esperado em termos de carreira, em termos familiares e em termos financeiros. Mas tinha uma coisa que o fazia sentir-se incompleto. Como na alegoria da caverna, sua realidade nunca fora outra senão a do mundo administrativo meritocrático. Sua insatisfação era agravada justamente por não saber o que lhe faltava, sabia apenas o que lhe faltava.

“A sensação de insatisfação e de deslocamento era algo que aumentava a cada dia no escritório. Por vezes, achava que era neura da minha cabeça, sabe? Eu me sentia incomodado ali, não os outros. Somente eu. Mais ninguém. As outras pessoas não podiam estar erradas e somente eu certo”, desabafa Lucas.

Para o sociólogo Gastão Jr., este é um fenômeno considerado normal dentro de uma sociedade que vive o capitalismo. “O sistema é de fato sufocante. O que acontece é que as pessoas reagem de modos diferentes expostas a essas situações”. Pensemos em um indivíduo desprovido de condições financeiras, ele convive o tempo inteiro com propagandas que o instigam a ter aquele produto. Aquele produto torna-se objeto de seu desejo, ele acredita que é algo necessário pra si. Para conseguir comprar seja lá o que for que ele quer,

mas não precisa, ele pode seguir diferentes caminhos, um deles é estudar, trabalhar, trabalhar, trabalhar e trabalhar mais e mais pra comprar o item. Enquanto isso, ele continua sendo bombardeado com mais propaganda, provocando-o incansavelmente a consumir aquela ou outra coisa.

O motivo, segundo Gastão, é que o sistema precisa de consumo, precisa que haja gasto, que o capital gire constantemente sem que haja tempo para as pessoas pensarem ou respirarem. E nesse ciclo sem fim, este indivíduo se satisfaz, se realiza com suas compras, elas se tornam objetos de suas conquistas e trabalho sem fim, deixam de ser apenas objetos, as empresas vendem ideias e é isso que ele comprou, compra e vai continuar comprando. O ideal. Toda a carga de valor agregado que aquilo traz, a imagem e o seu status.

Entretanto, mesmo sendo normal dentro dessa lógica, há aqueles que fogem à regra como Lucas, que por alguma razão, não se sentem completos. “O que eu estava procurando, não encontraria no ambiente em que eu estava inserido. Tive que sair daquilo pra conseguir descobrir”. Ele continua seu relato dizendo que não procurava nada em específico, apenas mudar seus ares. Foi quando, através de um anúncio online, viu uma loja de produtos naturais “daquelas que costumamos ignorar”. Em seu tempo livre seguinte, fez uma visita para conhecê-la.

O administrador de empresas Willian Dantas acredita que essa “onda de coisas naturais” é algo tão inteligente e funcional quanto o próprio sistema. Ele explica que o capitalismo costuma transformar tudo em mercadoria para que se possa gerar lucros, porém, essa transformação é feita de modo exploratório pensando apenas no lucro imediato, “difícil são os casos em que observamos algo fora dessa linha”. Quando pessoas com a visão de mercado, como é o caso das lojas naturais, decidem constituir um negócio, há uma inversão da lógica capitalista em determinada escala. Entretanto, isso depende das intenções genuínas dessas pessoas. Se alguém simpatizante à causa o faz, a lógica inverte, digamos que é a natureza que invade o espaço comercial para ganhar e angariar pessoas, sua monetização foi a forma encontrada para se fazer presente. Agora, se um empresário ou investidor enxerga potencial comercial nisso e decide fazer um investimento, é o sistema fazendo-se valer.

Lucas Silveira argumenta que devido aos rumos que antes escolhera para sua vida, não pode largar tudo na capital do estado de São Paulo, onde reside, para viver como gostaria, em suas palavras, de forma plena. Sua filha é o motivo. Hoje ela tem uma educação que considera boa, quer dar para ela as mesmas oportunidades estudantis e acadêmicas que teve. E isso vai custar-lhe “alguns anos de trabalho”. Entretanto, a maneira como ela lidará com isso será diferente, acredita Lucas. “Desde agora, com ela pequenininha, ensino-lhe o quanto é importante lidarmos de maneira consciente com as coisas. Penso que é inevitável consumirmos, gastar dinheiro mesmo, só a ensino de um jeito consciente, sem excedentes. Ensino a importância de lidar com a natureza, gosto quando ela brinca de plantar mudas e regar nossa pequena horta que temos em casa.”

Ele ressalta que pra sua filha é, de fato, uma brincadeira. “Trouxe minha família para esta atividade. Este foi o modo que encontrei para conciliar algo que não posso largar neste momento, pois preciso, com algo que gosto de fazer, algo que me ajudou a descobrir quem eu sou.”

Lucas conseguiu por meio de uma loja de produtos naturais, descobrir algo que lhe fizesse sentido. Lá, segundo ele, ele tem a oportunidade de participar de oficinas de plantio e cuidados com plantas, palestras sobre sustentabilidade, ecologia urbana, entre outros temas.

O caso de Lucas, segundo o administrador Willian Dantas, é um exemplo perfeito do que o sistema pode fazer com o indivíduo. Ele oprime e pressiona de tal maneira que a pessoa fica sufocada e precisa recorrer a coisas que em sua ordem natural não fornece. Lucas consegue juntar e conviver com os dois lados da moeda: o desejo e a necessidade. Entretanto, Willian faz um alerta para quão perverso isso pode ser e utiliza o caso de Lucas como exemplo. Hoje ele é um indivíduo mais feliz e satisfeito consigo e seu modo de viver, deste jeito, ele se torna um ser mais produtivo para sua empresa, logo, gera mais lucro para o seu patrão, ou seja, por mais que ele se sinta bem com o seu modo de vida atual, o sistema ainda assim consegue aproveitar-se disso e de modo que ele não perceba. Não dá pra dizer que isso é voltar à estaca zero, mas é, no mínimo, intrigante como algo criado séculos atrás permanece firme em 2017.

Um tipo simples de homem

São Paulo. Sete de outubro. O relógio marca pouco mais de dez horas da manhã. Os termômetros indicam altas temperaturas mesmo a estação do ano sendo a primavera, pelo menos, as árvores, ainda que poucas, estão floridas na Vila Mariana. A escassa flora urbana não é exclusividade no bairro, durante o percurso, da janela do ônibus 877T-10 Metrô Paraíso, o cinza dos prédios, da poluição no céu e das latarias dos carros predomina e se torna quase onipresente.

Desço do coletivo e começo a caminhar em direção ao meu objetivo. Não demora muito e lá estou eu. Minha primeira impressão ao adentrar naquele recinto é a de que acabei de passar por uma espécie de portal. Uma nova realidade, completamente diferente. O aroma exalado era o primeiro sinal. Ligeiramente doce, úmido e leve. Natural. Um alívio para as vias respiratórias de quem sofre de rinite na capital paulista.

O espaço é simples... Quero dizer, se comparado ao que estamos acostumados. Pensando melhor, não é passível de comparação. Tudo difere da cultura “urbanoide” na qual estamos inseridos. Prateleiras de madeira cobrem uma das paredes, como se fossem gôndolas; pallets, também de madeira, espalhados em diferentes cantos com diferentes funções: um tipo de horta vertical com pés de coentro e de tomate, cadeira, mesa e até a base de um sofá ou de uma cama, dependendo da necessidade e da vontade do usuário. A iluminação é praticamente inteira natural, as janelas são grandes e permanecem quase o tempo todo abertas, um convite aos raios de sol. Guardadas as devidas proporções, parecem até vitrais de uma igreja gótica, tamanha é a claridade. E bem como nas catedrais góticas, a luz é uma espécie de interlocutor com o divino.

Reginaldo, o proprietário da loja se apresenta de modo solícito, pede que caso eu queira, eu o chame de Régis. Ele estampa um sorriso em seu rosto. Algo muito presente nele e com muito significado. Algo que falta para muitas pessoas no dia a dia onde quer que passem ou quem cumprimentem, nele é abundante. Até nisso esta “outra realidade” se difere. Como diria Racionais MC’s: no mundo moderno as pessoas não se falam, ao contrário, se calam, se pisam, se traem e se matam.

Sua fala é calma, espontânea, porém, alegre. Parece aproveitar a sonoridade de cada palavra que profere. Ou quem sabe, o fato de estar, de certa forma, deslocado da agitação, da rapidez e da instantaneidade do “mundo lá fora”, ele só não tem pressa. Não está em seu subconsciente a pressa desnecessária que empregamos na rotina de nossas atividades. Aposto que ele não é do tipo que quando (se) vai a um restaurante fast-food, mesmo sem precisar, come apressado, recolhe a bandeja e vai embora.

Reginaldo passou boa parte de sua infância vivendo no interior de São Paulo, local onde nasceu, na cidade de Brotas. Fez os primeiros anos da escola por lá, segundo ele, suas memórias são as melhores

possíveis.

— Olha, eu adorava morar naquela cidade... Ah, como eu gostava! – seus olhos brilham neste momento enquanto olha para cima e relembra os fatos que conta – Até da escola tenho excelentes lembranças, meu rapaz.

Considero este relato deveras importante para que possamos compreender a simplicidade deste homem. Ele conta que ia a pé para sua escola, não precisava de van, perua escolar ou qualquer coisa do tipo. Não tinha trânsito. Seu pai ou sua mãe o levavam todos os dias até o portão de entrada. Como quase toda criança, ele queria bolacha recheada, salgadinho, refrigerante... Essas coisas pro lanche na hora do recreio, tinha dia que seus pais davam, tinha dias que não, a justificativa para a negativa era de que lhe causaria algum mal se em excesso. Ele fazia birra e fechava a cara. Quando fazia, eles o deixavam sem lanche como uma espécie de lição de moral. Não lhe restava outra opção senão comer a merenda da escola. Havia dias que levava uma fruta na mochila, embrulhada no papel alumínio. Mais tarde, ele trocava com alguma outra criança que quisesse por metade do pacote de bolacha ou do salgadinho. “Acho que até hoje meus pais não sabem disso, só lembro deles não entenderem como eu tinha pego cárie nos dentes se eu comia essas besteiras só de vez em quando”.

O caminho de volta para casa ao entardecer era a alegria e o ponto alto do seu dia. Até a metade, seus pais davam-lhe a liberdade de retornar sozinho, entretanto, sempre que podia dava uma esticada no trajeto. Régis apertava o passo para pegar uma rota um pouco mais longa, um desvio, na verdade, depois de alcançar seu objetivo, ele corria para o caminho normal e ia encontrar com seu pai ou sua mãe. O desvio era para passar em um pequeno sítio que tinha bananeiras. Ele passava por entre a cerca de arame farpado, olhava procurando alguém, o dono ou algum vizinho, subia na árvore e pegava os frutos. Em seguida, os colocava em sua bolsa e corria para o encontro como se nada tivesse acontecido.

Régis seguia seu caminho para casa e relatava como fora seu dia na escola para seus pais, eles nem imaginavam as fugidinhas do pequeno. Já em seu lar, ele corria para o quintal nos fundos para encontrar um grande parceiro, em apreço, carinho e tamanho: Fox, seu cachorro de estimação da raça Fila Brasileiro. E advinha quem se deliciava com os frutos recém colhidos? Fox adorava, não apenas, brincar com seu mestre após uma tarde inteira separado dele, ele esperava ansiosamente pelas tradicionais bananas.

Tinha dias que ele pulava em Reginaldo para derrubá-lo e meter o focinho na bolsa à procura das bananas. Quando ele não levava, Fox choramingava, como uma criança que fica esperando um doce e não ganha. Mas não demorava muito e ele já ficava normal e ambos voltavam a brincar.

Pergunto quando foi e quais eram seus planos ou sonhos ao se mudar pra São Paulo. Ele responde que

veio para a capital paulista com “uns vinte e tantos anos” e sem a pretensão de ser dono de uma loja do ramo. Nem nada de coisas naturais. Ele não conhecia essas coisas, nem sabia que existiam. Seu caso mais próximo de contato com este mundo, até então, era nos supermercados ao observar as prateleiras com o nome “produtos orgânicos”. Em suas palavras, ficamos sabendo da história pela metade, a gente fica sabendo o milagre mas não o santo que o fez. Todas essas coisas orgânicas fazem parte de um processo existente dentro da Permacultura, é uma das bases dela.

De simplicidade e humildade ímpar, a impressão que se tem é que essas características na personalidade de Reginaldo se projetam em seu comércio. O ambiente é amigável, amistoso. Convidativo a entrar e conhecer para quem ainda não é chegado, o que, segundo ele, é muita gente.

— Você tem alguma estimativa de quantas pessoas, sejam elas clientes novos ou que já costumam vir, passam por aqui? Nem que seja apenas para olhar por curiosidade?

— Nunca parei pra pensar ou contar, não. E pra ser sincero, como eu disse antes, nunca tinha nem pensado em ser dono desse tipo de coisa. Então, como eu não me preocupo em lucrar mais, mais, mais e mais, nunca percebi isso.

— Sua preocupação não é com lucro, prioritariamente?

— Não! Deus, não!

O fato de enfatizar a negativa me chama a atenção e eu o questiono se não seria uma heresia econômica abrir um comércio e não se preocupar com o lucro. Sua resposta foi longa, quase que em tom de desabafo. Ele explica que se preocupa, sim, com o lucro, tem que se preocupar, afinal, como todo mundo “há contas a pagar”. Quando ele descobriu a Permacultura se vislumbrou com todo o conceito, entretanto, por algum motivo, nunca conseguiu se desgarrar de tudo e exercê-la em plenitude. Sua maior motivação não é o dinheiro, seu combustível é, mesmo que através de poucas pessoas, ajudar a melhorar o mundo.

Ele pensa e diz gostar de pensar desse jeito. Alguém que vem em sua loja compra e passa a utilizar uma pequena plantação orgânica, nem que seja só o coentro, dentro da própria casa, já é uma família a menos consumindo alimento com agrotóxico produzido de maneira industrial. É uma família, um grupo de pessoas que não está contribuindo ou sendo conivente com uma infinidade de química, veneno, agrotóxico e todo o tipo de coisa que é jogado no solo. E isso não é feito pensando no consumidor. É feito pensando no próprio produtor, no empresário. Ele se utiliza de tais recursos para não prejudicar sua plantação, seu lucro, seu dinheiro. Ele troca a qualidade do produto e a saúde de quem vai consumir por tempo de produção, para render e fabricar mais.

O que os produtores fazem é em grande escala. Enormes plantações a se perder de vista... “Não tem como dar a atenção que o produto precisa”, afirma Régis. Desde o plantio até a colheita. O processo utilizado por eles industrial, é como se fosse uma fábrica em campo aberto, máquinas por todo lado cuidando do alimento de uma forma genérica. Para conseguir isso, eles aplicam mais e mais produtos químicos para fazer o trabalho que seria do homem.

Reginaldo e eu paramos a conversa. Momentaneamente. Régis propõe que façamos uma pausa para o almoço. Por ora, as portas não mais serão abertas, ele fecha sua loja, a RC Produtos Naturais, algo que pode ser definitivo nos próximos dias.

A primeira coisa que vem à minha mente é como será o almoço. Se, por exemplo, iremos degustar dos tomates, cebolas, coentros, pimentões e alfaces que há em sua horta particular nos fundos da loja. Local onde também fica sua casa, uma residência aconchegante, simples. Simples como seu proprietário. Muito de sua personalidade se estende para seu lar. A mesa de centro da sala é feita com os mesmos pallets que ele disponibiliza para os clientes. Isso também vale para seu sofá, uma estrutura de madeira envernizada coberta por grandes e macias almofadas. Neste momento sua esposa adentra ao recinto. Aparentemente sua idade é igual ou próxima a dele, 45 anos. Somos devidamente apresentados. Helena é uma mulher simpática, educada. Ela me pede licença e convoca seu esposo para ajudá-la na preparação da comida.

Ambos procuram me deixar à vontade na sala, ligam a televisão para que eu me distraia. Resolvo observar se minha indagação terá uma resposta positiva ou negativa.

Positiva.

Régis vai a sua horta e colhe o necessário. Sem demorar muito, a mesa está posta. Acredito que Helena já estava a cuidar dos preparativos enquanto eu conversava com ele na RC Produtos Naturais.

Assim que experimento a comida, percebo de imediato um sabor diferente. O que mais se destaca é a salada. Um “mix” de alface, tomate, cebola e coentro cortados bem pequenos e dispostos num vasilhame. Posso dizer que pela primeira vez eu comi esses ingredientes em minha vida. Não que eu nunca os tivesse experimentado, mas desta vez senti seus verdadeiros sabores. Sabe a história de que salada não tem gosto? A mais pura bobagem.

Questiono quais foram os temperos utilizados nela, acreditando que havia alguma espécie de molho ou qualquer coisa, para a minha surpresa, apenas sal. Nem óleo, nem azeite, apenas sal. Demonstro minha surpresa, eis que Régis me replica:

— Foi exatamente essa a minha cara quando comi algo totalmente orgânico.

Espero o almoço acabar e aproveito o gancho dado por ele pra retomarmos nossa conversa a partir do ponto de quando e como ele conheceu a Permacultura e os elementos que a constituem. Ele não se lembra muito bem de quando foi. Só lembra que foi quando saiu de sua cidade e veio para São Paulo. Ele veio como muitos vêm, em busca de um emprego, de uma oportunidade para trabalhar e tocar a vida. Tinha um conhecido aqui que lhe arranhou uma vaga em uma fábrica de automóveis no ABC Paulista. “Até hoje acho isso engraçado, começo minha vida, digamos assim, em um local cheio de máquinas e que polui o meio ambiente e, hoje, estou no caminho contrário... Coisas da vida”.

Foi em um final de semana de folga que Régis teve seu primeiro contato com o mundo no qual ele vive hoje. Fora visitar um amigo que morava no exato bairro em que reside atualmente e, ao dar um passeio na região, se deparou com a loja. À época, um senhor de idade estava em frente ao estabelecimento. Régis se interessou pelo o que vira do lado de fora pois lembrava um pouco do que existia em Brotas. Ele entrou. Conheceu o Seu Arnaldo, o senhor de idade e possuidor do estabelecimento. Ficou apenas alguns minutos, mas suficientes para se encantar por aquele pedacinho de casa que encontrara em São Paulo e retornar nas horas vagas das semanas seguintes.

Seus sábados e domingos resumiam-se em uma coisa: visitar e ajudar o Seu Arnaldo. A loja era nova, recém inaugurada, o senhor há pouco tempo retornara da Austrália onde conhecera a Permacultura, berço do conceito, local de suas férias. Já aposentado, com as economias que tinha guardado no banco, resolveu fazer o investimento e criar a loja assim que pisou em solo nacional.

Conforme as semanas foram passando, conforme os meses foram passando, Reginaldo ganhou a confiança de Seu Arnaldo, além de apreço pelo pequeno estabelecimento. A reciprocidade era tamanha na relação de ambos que, mesmo por um salário mais baixo, Régis pediu demissão de seu emprego na fábrica de automóveis para se dedicar única, exclusiva e integralmente à sua mais nova paixão. Este fato deu-se principalmente por um motivo, além de sua vontade, Régis atendeu a um pedido, segundo ele, especial de Seu Arnaldo: cuidar e ser responsável de uma vez por todas da loja.

— Lembro como se tivesse acontecido hoje pela manhã. Até ele falar, naquele momento, eu não sabia, mas tinha pouco tempo que a esposa havia falecido. Tanto a viagem como a abertura aqui da lojinha, foi um jeito dele tentar esquecer a morte da esposa. Quer dizer, esquecer não, né... Não dá pra esquecer a morte da sua parceira.

A partir do aceite de Reginaldo, eles começaram a resolver as questões legais de transferência de nome da propriedade e o mundo seguiu adiante... Seu Arnaldo, agora residente na Austrália e o moço de Brotas,

o mais novo proprietário da RC Produtos Naturais.

Seu padrinho, digamos assim, lhe pediu duas coisas enquanto esteve aqui. A primeira, que ajudasse com a rotina da loja. A segunda, quando se despediram, que Régis cuidasse com todo seu amor e carinho.

Essa última frase faz com que uma lágrima caia de seus olhos, visivelmente emocionado ao lembrar de Seu Arnaldo. “O que ele fez por mim, nunca pensei que qualquer ser humano pudesse fazer. Meus pais sempre me alertavam que a vida adulta não era fácil, que era cada um por si. O que ele fez... me desculpa...”, Régis não consegue se conter e a lágrima se revela um choro.

Ele sai do ambiente em que estamos, diz que vai ao banheiro lavar o rosto e na volta fazer um café. Pergunto se enquanto isso tenho permissão de andar pela loja novamente. Concedida.

Fico aproximadamente uns cinco minutos observando aquele ambiente. Fico impressionado com a organização e com a limpeza do local. Mesmo com o sol mais baixo, a esta altura da tarde de sábado, tudo ainda é muito claro. Ao retornar para dentro de sua casa, obrigatoriamente tenho que passar novamente pela sua pequena horta, noto algo que antes passara despercebido, pássaros são os outros moradores de sua casa. Sabiás, acredito eu. Algo difícil de se ver em São Paulo, quanto mais se ouvir, eles vêm em busca de alimento e tornam o local ainda mais único com seus cânticos.

Nossa conversa tem novo início. Desta vez, confesso que os rumos tomados a partir de agora não são tão bons quanto a história de seu passado e de como tudo começou. Ou talvez não...

Reginaldo confessa que a RC Produtos Naturais em breve irá fechar suas portas. Não se sabe ao certo por quanto tempo, mas irá fechar. Existe uma chance de reabertura, mas não aqui em São Paulo, possivelmente em Brotas. Régis deseja voltar para sua cidade natal e levar consigo sua esposa e a história que Seu Arnaldo deixara para ele continuar a escrever.

Pergunto-lhe qual sua motivação em fechar a loja, além de retornar para o local de onde nasceu, e além de questionar se ele não acha que Seu Arnaldo ficaria chateado ou triste com tal decisão. Sua resposta se inicia com um suspiro e segue com a afirmação de que ele realmente anseia retornar para sua cidade. “Minha vida aqui em São Paulo já deu o que tinha que dar”.

Eis que ele revela, o que acredito ser, o estopim do ultimato. Os negócios aqui já tiveram tempos melhores, sua preocupação, embora não seja lucrar e ficar rico, é o nível baixo que está ultimamente. Uma situação “insustentável”. Ao mesmo tempo em que acredita que a crise seja a culpada, ele desacredita. Percebo um semblante já sem esperanças e abatido, “no português bem claro, tá difícil pra viver.”

Ele explica o quão difícil é cuidar de um negócio que é visto como algo alternativo ou que, em suas palavras, vira moda de tempos em tempos. Há picos de procura, depois a estagnação, aí vem o declínio. Por ser uma atividade que gera um custo e, dependendo do que seja, um trabalho a mais, ele acredita que muitas pessoas acabam por se desinteressar, acham a ideia, o conceito, algo legal e que tem sua importância, mas perde em praticidade se comparado às facilidades da indústria e do comércio em grande escala.

Sua frustração e descontentamento são visíveis. Uma espécie de dor em sua fala ao explicar-me, algo que até então, não estava presente. Em tudo o que conversamos, pela primeira vez, seu sorriso fácil não está presente, a fala calma dá lugar a um tom que mais lembra um blues antigo, carregado, arranhado, cheio de pesar.

Sua expressão corporal também denota a tensão presente em seu estado de espírito. Antes, sentado no sofá de forma relaxada, pernas esticadas, pés descalços e braços abertos. Agora está inclinado, com as mãos com dedos entrelaçados, sobrancelhas levantadas e chinelos nos pés. Helena apenas coloca sua mão em seus ombros como quem diz estou aqui, não se preocupe, estamos juntos nessa caminhada.

Ele quer e vai voltar para Brotas. Quer começar sua velhice, como ele mesmo diz, ao lado de sua esposa em uma cidade tranquila, onde nasceu. Ela é do nordeste e não deseja voltar para lá, então ambos decidiram que seria melhor irem para o interior do estado. Fecharão a loja aqui em São Paulo, no mais tardar, em duas semanas. Mas não irá decepcionar aquele “velhinho” que tanto lhe ajudou, não. Vai continuar com a loja lá em Brotas, reabrir e tocar o barco para frente. É uma missão que assumiu com ele e quer cumprir.

Reginaldo explica que a cidade de aproximadamente 235 quilômetros da capital paulista recebe bastante turistas que tem como objetivo um contato maior com a natureza em diferentes instâncias. Por ter um turismo forte e presente, ele enxerga prosperidade no que está planejando.

— Quero continuar tendo esperança de que o que faço é algo bom. Cada sementinha que eu vendo, é uma sementinha de coisa boa que eu quero que a pessoa colha.

Reginaldo irá sair de São Paulo porque suas condições estão difíceis. Sua situação financeira não é boa. Essa decisão, ele admite, é de quem busca administrar um negócio. De um administrador que tem que ser. Hoje, aqui, não está bom, mas os ventos podem soprar melhor para o lado de lá, por isso está indo, até então, ele não havia assumido essa postura de forma explícita em sua fala.

Em um único dia, Reginaldo Caetano Lima de Oliveira me contou sua história de vida. Partilhou seus medos e felicidades para um total desconhecido. Fico com a impressão de que este não será um episódio triste em sua vida, mas algo bom. O motivo? Sua vontade em retribuir aquilo que recebeu. Em uma espécie

de corrente do bem.

Capítulo II
Economia Solidária

Geração de renda e Permacultura

Como alguém pode aderir à Permacultura dentro dos centros urbanos, onde quase não há espaços para plantações ou criação de polos independentes? Essa é uma pergunta inevitável para entender o tema. É preciso morar em bioconstruções para exercer a função de permacultor? Consequentemente o assunto nos leva a um patamar em que precisamos unir idealismo com realidade. Para quem está inserido no modo capitalista de vida existe uma dúvida mais simples e concreta: como viver sem dinheiro? É possível pensar uma economia de compra e venda dentro da Permacultura? A resposta é sim! A proposta de Economia Solidária, um dos vieses da Permacultura, nos oferece uma solução para este problema. Trata-se de uma forma consciente de produzir e consumir. Este processo, apesar de viabilizar uma relação econômica, não pode ser equiparado às relações de compra e venda tradicionais, que encontra sua maior força na capacidade industrial de produção e consumo em larga escala. Para além disso, a Economia Solidária privilegia a interação e a integração humanas. Pessoas como parte regente e não como instrumentos de uma práxis econômica. Isso quer dizer que a competição, por exemplo, não é característica desta forma criativa de trabalho e empreendedorismo; não se trata de encontrar grandes demandas comerciais, mas de criar uma iniciativa econômica que encontre a necessidade de quem consome respeitando os limites do meio ambiente; privilegiando a vocação, a expressão transfigurada em trabalho e, sobretudo, o cooperativismo entre os produtores.

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) define, em Cartilha, os princípios da chamada ‘EcoSol’ em dez itens indispensáveis: **1.** Autogestão; **2.** Democracia; **3.** Cooperação; **4.** Centralidade do Ser Humano; **5.** Valorização da Diversidade; **6.** Emancipação; **7.** Valorização do Saber Local; **8.** Valorização da Aprendizagem; **9.** Justiça Social na Produção e **10.** Cuidado com o Meio Ambiente. Do ponto de vista social, outras características se destacam e se entrelaçam com as acima citadas: são organizações definidas em hierarquias horizontais, participativas e insubordináveis ao capital, que privilegiam o autoconhecimento e a satisfação do trabalhador envolvido naquela atividade que exerce.

No Brasil, este ramo de atuação teve um crescente histórico na década 1990, por meio de ações pontuais de organizações regionais como sindicatos, instituições de ensino e movimentos sociais. Segundo o próprio FBES, ainda não é possível obter números estatísticos sobre seu desenvolvimento, uma vez que muitos empreendedores passam a conhecer o conceito, mas o praticam autônoma e informalmente, ou seja, sem inscrição ou CNPJ para que haja uma apuração exata de indicativos. A maior parte deles egressos de incubadoras públicas de Economia Solidária, onde só na cidade de São Paulo mais de dois mil alunos já participaram de cursos e oficinas de capacitação em áreas como artesanato, teatro, alimentação e vestuário

nos últimos três anos. Para Marcos Santana, coordenador de trabalho na cidade, a Economia Solidária vem surgindo com o papel de complementar a renda dos cidadãos. “É uma saída principalmente para trabalhadores que estão fora do mercado de trabalho, ou seja, acontece quase sempre de maneira individual e criativa. Muitas pessoas que saem desses cursos, por exemplo, fabricam suas próprias bijuterias artesanais respeitando processos limpos de produção e comercializando para um público específico que procura por esse diferencial”, acrescenta.

Neste contexto de crise econômica e diminuição de ofertas a empregos formais, algumas ações vêm sendo programadas na capital paulista, para já nos próximos anos atingir níveis profundos de atuação na cidade de maior economia capitalista da América Latina. No período de 2014 a 2016, políticas específicas de incentivo e fomento à ‘EcoSol’ foram implementadas em âmbito regional no município. Políticas que talvez sirvam como exemplos para avaliarmos melhor o assunto, através de seus impactos, suas transformações pessoais na vida de cada cidadão, do cenário e do potencial que têm a Economia Solidária como geração de renda e como estratégia de desenvolvimento.

- **Economia Solidária como estratégia de desenvolvimento**

A força da Economia Solidária, assim como da Permacultura em um todo, parece estar na sua capacidade de atuação local. Isto é, de ser algo próximo, que realmente muda a vida de pessoas envolvidas neste ciclo; uma lógica de microeconomia que contribui para preencher os hiatos deixados pelo mercado financeiro, como a falta de postos de trabalho formal e seus respectivos embargos na macroeconomia que, por sua vez, atingem a população socialmente mais vulnerável.

Ao término de 2016, ano que findou a gestão de Fernando Haddad frente à prefeitura da cidade de São Paulo, foi inaugurada a maior Incubadora Pública de Empreendimentos Econômicos Solidários do estado. Localizada no Jardim Edite, zona sul do município, o espaço está desde então vinculado à Prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo (SDTE). A criação da Incubadora estava prevista no Plano de Metas 2013-2016, como uma iniciativa que “se funda como ferramenta pública destinada a fomentar a criação, consolidação e a expansão de empreendimentos econômicos solidários na cidade, como método de incentivo à cultura, capacitação, geração de renda e desenvolvimento locais”. Com isso, os frequentadores da região, através de assessorias técnicas gratuitas, encontram um espaço para colocar em prática iniciativas coletivas ou individuais de Economia Solidária. Além do apelo ambiental, é possível reconhecer as condições sociais que estão empregadas no atendimento da Incubadora ‘Jardim Edite’, onde facilmente se encontram histórias de pessoas que estavam ou ainda estão em situação de rua, de imigrantes refugiados, além de grupos vítimas de violência e que dificilmente encontram espaço no mercado formal de trabalho, como LGBTs. “Eu não poderia iniciar minha caminhada

na economia solidária de outra forma a não ser pela Incubadora Pública. Este espaço fez toda a diferença não só para o nosso projeto, mas para a minha vida”, conta Priscila Nunes, integrante do grupo “Trans Sol”, formado por homens e mulheres transexuais que possuem um projeto incubado no local.

Outra forma crescente de *EcoSol* na cidade tem sido as diversas feiras e desfiles que reúnem empreendimentos solidários de várias regiões da cidade. Nestes eventos, promovidos por ONGs e comerciantes, também é possível perceber facilmente, através das histórias dos produtores, a inovação que este tipo de trabalho representa. Marina Toledo, diretora e fundadora da Rede Articulando, representante do Setorial de Artesanato da Economia Solidária da cidade de São Paulo e artesã, participou da 29ª ‘*Craft Design*’, uma feira de negócios e tendências de decoração que, também através de iniciativas públicas da Prefeitura, promoveu uma Vitrine de Economia Solidária, local específico para expor produtos deste meio. Marina acredita na importância desses eventos como forma de dar visibilidade e incentivo aos produtores envolvidos com a *EcoSol*. “A participação do meu empreendimento solidário na *Craft Design*, por exemplo, ganhou visibilidade em um mercado em que há um nicho para atuar; um lugar onde vejo que meus produtos dialogam muito bem. Espero participar de mais e mais eventos da Economia Solidária para não só divulgar nossos empreendimentos, mas para divulgar, mais ainda, essa economia que, além de recursos, gera laços, afetos, empatias não só com os consumidores, mas com seus pares que militam no artesanato”.

Do ponto de vista do setor público, alguns nomes se destacam no apoio à economia solidária. Um deles é Artur Henrique da Silva Santos, ex-presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) por dois mandatos, e então secretário municipal da pasta de Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo (SMTE) onde coordenou e articulou diversas iniciativas voltadas ao incentivo e fomento da *EcoSol* na cidade de São Paulo.

“O potencial da economia solidária é gigante em uma cidade com o porte econômico como o de São Paulo. A primeira decisão logo após a posse da gestão Haddad foi iniciar um diálogo com as várias partes da Prefeitura e propor uma integração de algumas iniciativas de *EcoSol* já existentes”, afirma o gestor. Artur conta também que essas iniciativas vinham sendo implementadas de maneiras isoladas e que, para juntar tudo, foi preciso iniciar outro diálogo fora da Prefeitura, entre movimentos sociais, partidos, sindicatos, o Fórum Municipal de Economia Solidária e os vereadores. Depois passaram a debater propostas concretas para criar um projeto integrado sobre o tema; em seguida, foi lançado um edital para contratação de assessoria e consultoria especializada em Economia Solidária. Foi contratada, então, a UNISOL Brasil. Assim, puderam construir um programa adequado e sem precipitações. Daí para frente aconteceram dezenas de reuniões com vários grupos de Economia Solidária, envolvendo mais de 700 pessoas nas áreas de artesanato, alimentação, turismo, resíduos sólidos, construção civil, pintura, dança, música, teatro, etc.

Além da implementação de incubadoras públicas, outras políticas importantes foram estabelecidas neste período. É o caso do Decreto de Compras Públicas, que torna obrigatório às áreas da Prefeitura, como educação e serviços, comprar uma determinada porcentagem de seus produtos diretamente da Economia Solidária, das cooperativas, das micro e pequenas empresas e dos Microempreendedores Individuais (MEIs), como estratégia de fortalecer o setor. Sobre a importância do poder público para a *EcoSol*, Artur Henrique vê nessas ações um grande potencial para reduzir as desigualdades socioeconômicas, históricas no Brasil. “Penso que é muito difícil para a Economia Solidária alcançar um crescimento sustentável sem o apoio do poder público, este sempre atuando de forma conjunta com as cooperativas e com as organizações. Diante do que foi feito concretamente, é preciso mais: é preciso um marco regulatório das compras públicas, uma política de investimento através de financiamentos específicos por parte dos bancos públicos, sem as exigências existentes para as grandes e médias empresas. Enfim, é preciso institucionalizar políticas públicas como programas de Estado e não apenas programas de governos”.

Algumas empresas internacionais também têm se destacado neste ramo de atuação, é o caso da Mondragón Corporación Cooperativa (MCC), sediada no norte da Espanha, uma das maiores cooperativas de trabalhadores do mundo. Fundada em 1956, a MCC reúne 120 empresas em uma lógica integrativa de reutilização de recursos, isto é, compartilhando entre si tudo o que é possível compartilhar, sendo deste total, 87 empresas industriais, uma empresa de crédito, quatro empresas agrícolas, oito cooperativas de educação, 13 de pesquisa, seis de serviços em consultoria, além de uma empresa de consumo. Ao todo, somam-se incríveis 93 mil trabalhadores atuando na lógica cooperativista da Economia Solidária.

Um ciclo solidário

- **Na sociedade**

O sétimo nascer do sol de abril de 2016 trouxe luz a uma quinta-feira. Este foi, também, o tão esperado quinto dia útil do mês, data que se repete a cada 30 ou 31 dias (às vezes menos) e que é popularmente conhecida por milhões de trabalhadores Brasil a fora como: o dia do “*faz-me rir*” (ou o dia do pagamento). Para Priscila Nunes esse era, sobretudo, um dia comum, em que suas tão esperadas oportunidades de emprego não lhe batiam à porta, embora o desespero já entrasse em sua vida sem pedir permissão. Coincidentemente, foi nesse dia que Priscila, já quase desestimulada a encontrar saídas para seus problemas financeiros, conheceu Julia Asche, uma representante de movimentos sociais que se mostrou, desde o início, bastante solícita e interessada em ajudar pessoas na situação em que se encontrava a própria Priscila. A reunião, como não poderia deixar de ser, ocorreu em um espaço pequeno, quente e com alvenaria mal acabada, no bairro Vila Moraes, localizado na zona sul de São Paulo.

Lá, os presentes formavam somadamente um grande número para as proporções do local, mas algo a mais os impelia a continuar em seus lugares. Na verdade, estavam mesmo preocupados em promover discussões sobre como criar espaços informais no mercado de trabalho para o pessoal da comunidade. Pais-de-família, mães, irmãos, tios, sobrinhos ou o que se possa ter de parentesco que podemos nomear. Todos interessados no tema. Aparentemente, nestes lugares, não existem graus de consanguinidade que façam alguém não se preocupar com grana. A pauta, então, foi trazida por um coletivo local por meio de diversas orientações gratuitas, a quem pudesse interessar, sobre fontes de rendas alternativas. O assunto vinha a calhar com a plena crise econômica sofrida por pessoas de todo o país; sofrida predominantemente pela população pobre, em peso naquele bairro. Ao ouvir os conselhos e diretrizes do coletivo, Priscila retornou a um pensamento antigo, mas agora claro, de um projeto que já especulara para si como fonte de renda, mas que, sabia ela, não sairia do papel sem apoio e parcerias fundamentalmente cerceados no cooperativismo, fora da lógica lucrativa dos juros bancários. Tratava-se de uma pequena empresa de bonecas de pano, a que ela atenderia pessoas interessadas em artesanato e brinquedos personalizados.

Acontece que há algum tempo esse plano vinha sendo encaixotado na penúria do esquecimento. Antes disso, Priscila possuía uma ocupação empregatícia que lhe rendia alguns monetários. Trabalhava sempre depois de crepúsculos, como comerciante em casas noturnas. Também conseguia, às vezes, alguns *freelas* como repórter e fotógrafa, atividade a qual até hoje é apaixonada e retoma sempre que pode. Mas voltamos ao bairro Vila Moraes, onde um novo ciclo da vida de Priscila surgia de modo inesperado para ela. Ao final das orientações, Julia que palestrou para os visitantes, recebeu os cumprimentos de sua nova admiradora, que por sua vez mostrava-se determinada em entender e pesquisar mais sobre o que escutou naquela manhã.

— Como é mesmo o nome do conceito que você disse? – solicitou Priscila.

Atendendo ao pedido, Júlia retrucou:

— Economia Solidária.

— Me pareceu interessante. Existe, então, um lugar onde as pessoas vivem somente disso? – mostrou mais interesse ainda, Priscila.

— Lá as pessoas compartilham suas experiências e ajudam no que podem um ao outro. Mas cada um tem seu local de trabalho fora. – completou Júlia – Porque não vem comigo conhecer o pessoal na segunda-feira que vem?

Priscila relutou alguns minutos ao convite, pensando se aquela ideia era séria e se poderia ser mesmo possível que pessoas tirassem alguma renda considerável com itens produzidos manual e individualmente. Mas ao contar sobre sua vontade de criar peças individuais, a partir de costura e artesanato, das bonecas que sua avó lhe ensinara a brincar e cuidar com muito afinho, foi imediatamente interpelada pela ativista, quase como uma convocação, a fazer uma visita ao local, já não mais na próxima segunda-feira, e sim no dia subsequente àquele.

- **Na incubadora**

O primeiro dia da Priscila com a Economia Solidária não tem muitas histórias a serem contadas. Apenas recorda que foi apresentada a alguns passantes no local (não eram muitos), e que Júlia parecia estar com pressa para resolver alguns problemas fora dali. À Priscila, foi explicado que as reuniões aconteciam duas vezes por semana e que, esporadicamente, novos participantes eram integrados ao equipamento através de editais e chamamentos públicos para receber auxílio nos seus projetos.

A incubadora pública de empreendimentos solidários tem como propósito principal receber de membros da população, movimentos e sociedade civil, ideias com a finalidade de gerar renda, desde que estejam envolvidas na lógica de microeconomia da EcoSol; que se adequem aos preceitos do tema, tal como o respeito ao meio ambiente, a cooperação, a autogestão e outros critérios que são colocados sob análise no momento em que se apresenta um projeto a ser incubado no local. Para Priscila era tudo novo. Embora decidisse não criar expectativas sobre a oportunidade que lhe aparecera, percebeu que ali havia estrutura econômica e infraestrutura suficientes para dar forma ao que idealizou sobre suas bonecas de pano. E mais: existia um mercado suficientemente pleno para aqueles produtos, conforme ela mesma já havia se inteirado por meio de pesquisas e conversas. Bastava apenas o suporte para que essa ideia saísse do papel.

Nas semanas seguintes, algo de normal fez Priscila retornar aos problemas reais: a falta de dinheiro era urgente e não poderia dardivar um prazo muito longo para obter retorno. Acontece que para ganhar subsídio, era preciso estabelecer algo mais concreto do que costurar e vender peças, e isso poderia levar bastante tempo. Ao longo das reuniões que pôde acompanhar na incubadora, percebeu que não era tão simples a formulação de um projeto, e encontrou uma barreira básica, que separava as ideias ali incubadas das não-incubadas: a função social daquele plano. Qual propósito coletivo poderia ser integrado para que aquilo pudesse ter forma e dar certo? Afinal, como ouvira Julia falar no primeiro dia em que a viu, a Economia Solidária é a centralidade do Ser Humano e não pode se reduzir a meras relações comerciais de compra e venda. Priscila viu nisso tudo uma oportunidade maior do que a de gerar renda.

- **No coletivo**

Quando criança, Priscila tinha algo de diferente de todos que conhecia. Ou pelo menos percebia que tinha. Alguns não entendiam o porquê, e por não entenderem tratavam de inferir a ela alguma culpa que não deveria sentir, por isso ou por aquilo que, de tão incompreensível, a situação deixou marcas eternas na vida e na história dela. Ela. De lá pra cá, muita coisa mudou em seus caminhos, tortuosos e contraditoriamente cheios de narrativas emocionantes. Teve que se virar sozinha para ser quem realmente era: ela. Quem era e é. Priscila não tinha este nome antes. Teve que se descobrir Priscila e assumir sua identidade doesse a quem doesse. As consequências reverberam até hoje. Com o tempo, percebeu que adequar o nome era um detalhe importante para que pudesse se apresentar como se sentia, e só isso já era motivo suficiente para suportar todas as consternações. Por ser quem é sofreu bastante.

Tal sofrimento levou-a a frequentar grupos em que a dor poderia ser dividida, narrada e, quem sabe, superada. Um coletivo de homens e mulheres transexuais, onde conheceu namorado, amigos e amigas com quem poderia rir e olhar sem os entraves morais do julgamento. Destes amigos, muitos se tornaram próximos de seu convívio cotidiano e existiam, ainda, alguns que partilhavam situações relativas à dela, com dificuldades notórias em se fixar num emprego formal, e de encontrar oportunidades no mercado de trabalho... “Pronto!”. Priscila achou aí a função coletiva de seu projeto: dar oportunidade a pessoas em situação de vulnerabilidade social, sabendo que também ela própria encontrava-se nessa condição. A prioridade da incubadora pública é dar suporte a quem realmente precisa. Então era tudo o que o projeto precisava para emplacar: um ideal para além de resultados econômicos e individuais, mas que acentuasse a inclusão através do trabalho e do conhecimento. O projeto, então, foi apresentado a mais quatro pessoas que, imediatamente, tornaram-se integrantes e coautores da ideia.

- **De volta à incubadora**

Uma vez reunido, o grupo agora tinha a missão de pôr no papel, minuciosamente, os detalhes que dariam a base para a criação de uma pequena cooperativa de artesanato, voltada a produção de roupas, acessórios, brinquedos, materiais de mesa e banho, além de peças personalizadas feitas sob encomenda. Para isso, alguns membros da equipe passaram a aprender, com a ajuda dos demais, algumas técnicas básicas de corte e costura. O fato de não dominarem esta parte da ação não configurava bem um problema, uma vez que, dentro da incubadora, poderiam requerer diariamente auxílio de profissionais da área. Além disso, o grupo também receberia orientações básicas sobre empreendedorismo, gestão de empresas, tecnologia e conceitos da própria Economia Solidária. Tudo o que era necessário para dar início à incubação de um projeto com destreza técnica e de concretude em seu potencial social transformador, como pleiteavam.

Esse objetivo levou os participantes a buscarem exemplos de atuação social em sites e coletivos de *EcoSol*. Exemplos que estavam dando certo e que serviram de inspiração para o grupo. Encontraram pequenos empreendedores que participavam, com seus produtos de Economia Solidária, das feiras de tendências em moda, artesanato, adereços e até mobília, sem precisar sair da lógica esperada pela incubadora pública. Criou-se então um diálogo bastante prestativo entre estes conjuntos, além das orientações diretas que recebiam dos agentes da própria incubadora. O empreendimento foi sendo desenhado e, com o subsídio necessário, poderia ganhar vida. Tratava-se apenas de acertar alguns pormenores até o dia da primeira banca de avaliadores, formada por profissionais de diversas áreas e especialistas no assunto.

E foi em agosto do ano de 2016 que esse encontro aconteceu. Numa primeira etapa o projeto foi aprovado, com a condição de ser executado, mas ainda sem a garantia de que estaria entre os melhores. Ficou em 7º lugar, e não pôde ser incubado de maneira imediata, o que abalou a equipe. No final do chamamento, o projeto ficou em uma lista de espera, tendo sua concretização adiada em alguns meses. Até o mês de novembro, quando a inauguração de uma nova incubadora pública de empreendimentos solidários – no bairro do Cambuci, também zona sul de São Paulo – tornou possível a abertura de vagas suficiente para que o plano saísse do papel e começasse a ser incubado.

Desde o primeiro instante em que Priscila passou a se dedicar ao projeto, suas expectativas aumentaram proporcionalmente aos seus problemas financeiros. Mais uma vez, durante este período, precisou criar meios para conseguir manter a casa em que mora sozinha em SP, fazendo bicos em lojas de amigos e, aos finais de semana, em eventos culturais, além da ajuda que recebe de um parente. “A incubação significou mais uma vitória, dentre tantas pessoais que já tive que buscar na minha vida”, confirma Priscila, agora com tranquilidade.

- **De volta à sociedade**

Então era isso. O projeto, que foi pensado para ser uma opção na geração de renda, sem grandes pretensões, ganhou nome: “Trans Sol”, cresceu em suas propostas e reuniu pares com objetivos semelhantes, na esperança de concretizar ideias há muito desejadas por todos da equipe. A partir da incubação, outras oportunidades surgiram e uma delas foi a de participar de eventos e feiras, as quais os integrantes já estavam inteirados desde a pesquisa de pré-elaboração do projeto. No início, Priscila conta que recebeu olhares muito distantes do que imaginava. Sua maior frustração era ver ‘do outro lado do balcão’ clientes despreziosos em reconhecer seu trabalho como uma expressão do que viveu. O preço do produto também não agrada. Não se trata de manufatura industrial, e por isso, tem valores mais elevados do que os praticados no mercado. Para Priscila essa é uma comparação injusta, porque suas peças, diferentemente dos produtos industriais, são cheias de peculiaridades, feitas para dialogar com o indivíduo, jamais com as massas. A proposta é outra. Os fazeres artesanal e pessoal são seus maiores oferecimentos. Para ela, cada peça é, no mínimo, uma peça única, que não sairá igual a qualquer outra.

Com o tempo, a artesã passou a buscar cada vez mais o diálogo com o outro, a partir de seus produtos. Era preciso encurtar distâncias entre os consumidores e a Economia Solidária, além de divulgar informações precisas sobre esta última. Percebeu, então, que a EcoSol não era apenas formada por produtores, consumidores e suas histórias, mas por simpatizantes, por divulgadores dessa prática. As pessoas podiam não comprar seus itens, mas poderiam despertar curiosidade sobre uma nova forma de consumo, para posteriormente assumir seus papéis neste ciclo. Mais uma vez viu na sua área de atuação, no seu trabalho, algo de transformador social que não poderia ser deixado de lado. Sabendo que as pessoas não aceitam de primeira, passou a se preocupar em apresentar o tema a desconhecidos que passavam por sua banca. Essa foi, para ela, sua maior sacada. Conseguiu criar vínculos e, além disso, interessados nos seus produtos e nos produtos de seus companheiros de *EcoSol*.

Com o passar do tempo, Priscila mostra como percebeu que o potencial do seu trabalho não estava restrito a espaços ou vitrines; era necessário buscar nichos diversos em que seu produto dialogasse ainda mais com o público e trouxesse uma proposta nova, no que diz respeito ao conceito do tema. Começou a buscar outros espaços de divulgação, em que não se tinha grande aderência do público e sua produtividade de vendas passou a ser ainda mais direcionada. Cada pessoa que passava a gostar do assunto era uma nova vitória. Assim, não precisava mudar nada na produção dos seus itens para conquistar um número maior de clientes, pelo contrário, conquistava clientes com as histórias que já faziam parte das peças.

Durante o andamento do projeto, muitas noções foram agregadas e compartilhadas. As reuniões semanais na incubadora enriqueceram a experiência, tornando-a muito mais que um trabalho formal. Priscila passou

a atuar como microempreendedora individual (MEI), categoria que estabelece um piso máximo de ganho mensal em 5 mil reais, mas com impostos menores que o CNPJ comum, com a possibilidade de pagar, proporcionalmente, seu INSS e contribuir para uma futura aposentadoria. Era, enfim, o trabalho dando frutos para além do dinheiro: retornando dignidade e humanidade; confiança e autoestima aos partícipes. “Acredito que a Economia Solidária esteja muito ligada à cultura e à história das pessoas que fazem parte dela. Os exemplos neste meio são variados. Tenho companheiros que se expressam artisticamente muito bem por meio de seus produtos, fazem da sua venda uma forma de aderir pessoas a pensamentos e reflexões que talvez ela nunca mais esquecerá na vida. Tenho também clientes que valorizam muito o que faço; buscam saber a história de cada peça, os detalhes; então eu crio laços para além do clientelismo com essas pessoas. Elas mandam fotos das minhas peças na casa delas. Isso pra mim é muito gratificante”, acentua Priscila.

Outra percepção que, não só Priscila, mas outros trabalhadores envolvidos com a EcoSol possuem dentro da atuação, é a de que o trabalho não se torna mecânico. Em decorrência da rotina de eventos, feiras, exposições que acontecem muito frequentemente aos finais de semana, as trocas vão se tornando mais intensas. Alguns chegam mudar o conceito, ou acrescentar novos ao seu trabalho como uma forma de evoluir nas propostas apresentadas aos consumidores. Entre os comerciantes de Economia Solidária, em geral, existe um relacionamento muito saudável e respeitoso. As tarefas são desempenhadas com muito afeto, e por mais que estejam em um dia ruim, fica claro que podem obter incentivos apenas pelo fato de estar produzindo algo que lhe é pessoal, algo que vem de dentro, que conta sua própria história e sem precisar, assim, se adequar aos muitos padrões que geralmente são impostos no comércio comum. Para entender tudo isso é preciso, antes, perceber a importância de cada ser humano dentro de uma Rede que não pode e não vai se mover sozinha. Eles estão sempre se ajudando, indicando aos seus pares lugares para expor os produtos. “De lá pra cá passei a entender economia através dos pequenos produtores e comerciantes. Passei a dar um profundo valor a isso”, diz Priscila.

- **De volta ao coletivo**

No decorrer do ano de 2017, ainda participando de muitos eventos e já com alguns clientes fixos, Priscila passou a se dedicar paralelamente a outros projetos pessoais. A partir de seu conhecimento em artesanato, começou a dar aulas em cursos de corte e costura, a convite de amigos que conheceu nas chamadas Redes de Economia Solidária, formada por produtores de diversos estados, que compartilham entre si ideias e oportunidades. Contudo reconheceu que precisava retornar esse conhecimento de maneira não lucrativa a outras pessoas, para que pudessem ter a oportunidade de atuar na área ou arrumar uma nova profissão. Foi então que resolveu inscrever-se em coletivos da Rede para fazer parte do quadro de voluntários e oferecer

orientações a grupos de diversas idades nas periferias. Passou a conhecer e a participar de reuniões em outros lugares e a se relacionar com pessoas que trabalhavam neste sentido de oferecer cursos e oficinas gratuitas pela cidade.

Foi nesta empreitada que passou a fazer parte da UNISOL Brasil (Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários). Com sede na cidade de São Bernardo do Campo, a UNISOL é uma associação que possui 13 anos de existência, formada pela sociedade civil e sem fins lucrativos; atua em todo o território nacional, com os objetivos de “trabalhar no compromisso com a defesa dos reais interesses da classe trabalhadora, na melhoria de condições de vida e de trabalho dessas pessoas; na eficiência econômica e no engajamento do processo de transformação da sociedade, com base nos valores da Economia Solidária, da democracia e da justiça social”, segundo explicita em seu site oficial.

Priscila foi, então, integrando-se ao grupo de modo que conseguiu, por meio de edital da cooperativa, ajuda para a compra de materiais, o que tornou possível desenvolver, junto ao coletivo trans que participava, outro projeto do “Trans Sol”, este oferecendo a integrantes de coletivos orientação sobre Economia Solidária de forma gratuita e acessível para quem se interessasse no assunto. Nestes coletivos, Priscila ministra aulas de ‘corte e costura’ e ‘bonecaria’ para um grupo de alunas travestis e transexuais. A UNISOL, que presta serviço à Prefeitura de São Paulo no sentido de orientação técnica, propiciou também o encontro do coletivo de Priscila com o projeto Transcidadania, inaugurado em 2014 pelo então prefeito Fernando Haddad (PT 2012-2016). Este projeto, por sua vez, está inserido no Programa Operação Trabalho (POT), que atua na formação profissional e na reinserção socioeconômica de grupos em situação de vulnerabilidade social. Estes grupos recebem, além de orientações técnicas, uma bolsa-auxílio equivalente a um salário mínimo para estudar 4h diárias. O Transcidadania já atendeu mais de 800 integrantes ao longo de sua jornada, todos homens e mulheres transexuais que de algum modo já sofreram pela exclusão e pela falta de oportunidades formais de emprego.

Devido ao desmonte gradual do projeto Transcidadania, que vem acontecendo na atual gestão, estabeleceu-se um intercâmbio entre as beneficiárias e o coletivo de Priscila. Com a ajuda da UNISOL, muitos egressos do projeto passaram a receber orientações a partir dos cursos e oficinas gratuitas oferecidas no local. Atualmente, Priscila vende seus produtos, dá aulas na Incubadora Pública de Economia Solidária, no Centro Público de Direitos Humanos e dentro do próprio coletivo. Ao ser questionada sobre o que mudou em sua vida desde que conheceu a Economia Solidária, Priscila afirma: “Passei a ver e ser vista pelas pessoas”.

Capítulo III
Permacultura Social

O isolamento que torna depressão

As pessoas gostam do conforto de um sofá, do consumo constante de qualquer coisa tecnológica e costume com horários: rotinas muito bem definidas: nos empregos, colégio, lazer; cinema; encontros; novela; jornal.

É nisto, o menor contato possível é feito com mato, barro, pedras ou mesmo com novas pessoas. É cansativo, tem que sair de casa. Nem tanto, existem aplicativos. Mas mesmo assim, tem que arrumar assunto, dar atenção e uma hora ou outra, sair do conforto de seu sofá.

A Permacultura trata de design, bioconstrução e natureza, mas principalmente de pessoas. Fala ainda de atitude e de mudança. As duas últimas não definem muito bem os anseios da população “urbanoide” ocidental.

Há quem desvia o caminho quando vê um conhecido, finge que não viu o parente na rua ou com os fones no ouvido parece não escutar o que o falam, simplesmente para evitar contato. As pessoas se distanciando da sua natureza, do convívio social, das relações interpessoais, do contato, do afeto e da troca de conhecimentos.

Como você já pôde notar em outros textos deste livro a Permacultura trata de produzir sistemas sustentáveis. Porém, ninguém pode produzir um sistema completo sozinho, fechado em sua casa.

A Permacultura tem três éticas base: cuidar da terra, cuidar das pessoas e partilhar os excedentes. Com a disseminação das práticas e o surgimento de inúmeras Ecovilas e grupos em torno do assunto, surgiu também a necessidade de se criar uma área para consolidar os conhecimentos quanto à orientação e organização de grupos.

É neste panorama que entra a Permacultura Social: uma ramificação da Permacultura que trata da resolução de conflitos sociais e gestão entre pessoas no dia a dia, multirões, feiras e construções. De acordo com a filosofia que a rege, não é possível cuidar da terra se não houver um grupo unido, focado e dinâmico, com as suas éticas e princípios bem definidos.

Elementos de integração ao invés de segregação; cooperação ao invés de competição e soluções ao invés de problematizações são comumente utilizados para desenhar um projeto no terreno e podem ser facilmente utilizados para desenhar grupos ou comunidades.

A criação de grupos permaculturais, sejam eles permanentes para convívio em sociedade, sejam por

tempo determinado em mutirões ou feiras pode parecer simples: determinar funções, delegar papéis e começar. Não é bem isso, existe toda uma ciência por detrás da criação e administração de grupos. “Existem diversas dinâmicas desenvolvidas que permitem agilizar o processo ou melhorar a relação entre os diversos elementos de uma equipe”, comenta o professor e estudioso de permacultura Carlos Gonçalves.

Essas comunidades, que já configuram pequenas cidades em muitos locais, são um povoado autônomo no qual as mais simples atividades cotidianas têm envolvimento com a natureza. Sua fundação tem por objetivo promover um desenvolvimento humano sustentável e, conseqüentemente, permanente.

Além disso, a permacultura possibilita uma interação há muito abandonada pelo sistema econômico e social em que vivemos. É perceptível o distanciamento entre as pessoas no sistema capitalista, que implementou uma constante competição e a justificativa desta constante competição comumente dada em prol de uma evolução tecnológica constante.

Entretanto, o sistema é muito criticado por estudiosos devido a desigual distribuição de renda e poder, uma tendência de monopólio ou oligopólio no mercado e do governo devido as oligarquias, o imperialismo, as guerras e várias formas de exploração econômica e cultural. O que traz o cerne da competição constante entre as pessoas.

O Instituto de pesquisa Locomotiva divulgou uma pesquisa que revela que 45% das pessoas que moram sozinhas são solteiras, o que inclui viúvos, divorciados e até casados que optaram por viver em casas separadas. Quase dobrou o número de pessoas que moram sozinhas entre 2005 e 2015. Os dados do IBGE mostram que houve um salto de 115 mil para 209 mil no Espírito Santo. A maioria são pessoas com mais de 60 anos, especialmente mulheres.

Thomas Hobbes fala sobre a guerra de todos contra todos. No estado de natureza, não há sociedade, a vida humana é solitária, bruta, curta e passa por constante perigo de morte violenta. Os indivíduos sempre temem por sua vida e pelos bens necessários à sua sobrevivência. Conseqüentemente, a natureza hedonística dos homens leva-os a um estado em que há luta pela sobrevivência e no qual qualquer aspiração existencial futura é vã.

A visão do filósofo explica muito a visão do capitalismo e até valida seus preceitos com base na constante “guerra de todos contra todos”. Afinal, ao competirmos constantemente pelas mesmas coisas simplesmente “não há prazer na convivência para os homens”.

Entretanto, a permacultura vai de encontro a estas ideias e pode se dizer que partem muito mais de uma visão semelhante à Rousseau. O filósofo acredita que é possível preservar a liberdade natural do homem e

ao mesmo tempo garantir a segurança e o bem-estar da vida em sociedade a partir de um contrato social, por meio do qual prevaleceria a soberania da sociedade, a soberania política da vontade coletiva.

Muito se assemelha à permacultura, não acha? A cultura intrinsecamente prega que nada em seu sistema pode ser feito sozinho, mas tudo a respeito de uma vontade coletiva, muito encontrado nas Ecovilas.

Afinal, cada construção, projeto ou atividade da permacultura movimentam grupos muitas vezes de grandes de pessoas. Uma construção de super-adobe por exemplo, faz necessário pelo menos cinco pessoas: duas para ensacar, duas para bater e amaciar as paredes nas laterais e mais uma em cima e todas para empilhar os sacos. “É um sistema colaboracionista, não tem como negar. E nada emprega nem a menor competição, o que permite uma harmonia constante entre as pessoas, comenta o permacultor André Pimenta.

Um elemento de suma importância na permacultura é a disseminação de conhecimento e a fomentação disso. Estes ensinamentos não ocorrem de forma exclusiva ou particular. Tanto é que muita coisa se encontra na internet e as Ecovilas permitem “a mão na massa”. Desta forma, é possível que todos executem as mesmas tarefas e disponham dos mesmos conhecimentos técnicos. Isso permite, a não super-valorização de uma atividade ou outra e elimina mais uma possível porta para a competição e para o distanciamento entre as pessoas.

Esse distanciamento que causa uma constante solidão em muita gente pode, sim, se tornar uma doença. “A solidão por si só é um sentimento, mas, caso se torne permanente e contínuo na vida de alguém, pode virar uma doença, assim como a depressão”, esclarece a psicóloga Simone Freitas. Doença que afeta 4,4% da população mundial, cerca de 322 milhões de pessoas no mundo e 5,8% dos brasileiros, segundo dados da OMS.

“Não tem como ser saudável em um sistema doente. As pessoas não percebem que o estilo de vida que elas levam causam suas próprias doenças, tanto psicológicas quanto físicas. Quando uma não leva a outra”, comenta Carlos.

Os comparativos levantados entre permacultura e capitalismo podem até deixar a entender um inerente embate entre os sistemas e filosofias de vida. Tal prepotência não existe, já que a permacultura é um anão em sistema comparado ao capitalismo. Substituí-lo também nunca foi sua pretensão. Mas, sempre fala-se em utilizar do que o capitalismo já conquistou e usufruir com inteligência, sem desperdícios, o mínimo possível.

Todo este estilo de vida e práticas de comportamento não são capricho ou luxo. Muito menos algo de ideologia de esquerda, importante esclarecer já que muito foi falado sobre as mazelas do capitalismo. Em

nenhum momento é visto um levantamento marxista em Ecovilas ou em cursos. Trata-se de algo muito mais simples, o instinto de sobrevivência e a manutenção da natureza para a extensão da vida na Terra.

Não dá para viver só

São mais de duas horas de viagem do centro de São Paulo. Pega estrada, chega na cidade e vai estrada de terra adentro. Numa região de construções bastante humildes e pessoas simples, onde mal veículos conseguem passar é bem capaz que você me encontre todo fim de semana acampando na construção.

Contar de onde eu vim, minhas qualidades e defeitos é muito fácil. Há muito tempo eu sou outra pessoa. Vivo muito mais na Permacultura que fora dela, principalmente quando fico aqui, na minha casa.

Trabalhei muitos anos em cruzeiros mar adentro. Passei muitas semanas longe de casa e das pessoas que amo. Nos últimos seis anos, minhas férias foram aprender permacultura para poder um dia viver ela plenamente. Eu digo isso porque eu simplesmente experimento sensações da permacultura nos meus fins de semana ou nas férias. Mas, moro oficialmente no centro de Mogi com minha família e trabalho no comércio.

Meu sonho mesmo é poder viver aqui, e dessa terra tirar grande parte da minha alimentação e da minha renda. Sim, é possível. Estou criando uma plantação e pretendo transformar tudo isso uma oficina de permacultura, onde as pessoas vão poder ficar dias e aprender, com a mão na massa.

Aqui no terreno você ainda encontra bastante mato, já conta com metade de uma estrutura de superadobe (sacos empilhados cheios de barro e uma pequena porcentagem de cimento) e o banheiro fora da casa, o conhecido banheiro seco ainda está em construção, o que permite temporariamente um alívio ao ar livre.

Na parte do terreno mais alta você encontra a plantação que é ainda prematura. Muito próximo, uma grande estrutura de pneus reciclados empilhados que dá forma ao abrigo de ferramentas e talvez um quartinho aos visitantes, e logo ao lado a construo a minha barraca laranja. Só tem um colchão.

Um amigo meu comentou sobre uma coisa chamada permacultura, eu vi na internet, pesquisei, procurei. A partir disso, foi só aprender. A vontade, a iniciativa é indispensável nesse meio. Ela começa muito antes de você saber a definição do que se trata.

Até então não existia faculdade para isso, você tem que ir atrás do conhecimento e de pessoas que conhecem. Você pode até falar: e a engenharia e os arquitetos? Um bando de gente folgada e de nariz em pé que vieram aqui só para botar defeito e falar que está tudo errado.

A permacultura trabalha com proporções, com matemática e física em muitas ocasiões? Sim, mas não é exata e nem perfeita. Não existe uma receita. Você trabalha com o que tem disponível. Você nunca vai achar

uma construção, um ciclo fechado, igual ao outro. Tudo depende da pessoa que fez, do recurso que ela tinha e do recurso que ela não tinha.

E como eu já disse, na permacultura o conhecimento é muito importante. É muito comum grupos de pessoas virem até aqui para aprender comigo, assim como eu já fui ao encontro de muitos estudiosos e praticantes nos últimos anos aprender, e pôr a mão na massa é claro.

Além do ensinamento que passei aprendi muito com quem veio nas oficinas. Ouvi histórias, vi costumes e propósitos de vida que me levaram cada vez mais a seguir com meu sonho de viver a permacultura. Mas também muita gente perdida que não entendeu nada do negócio andou por aqui para ficar de boa.

Um grupo de jovens, dois caras e duas moças uma vez se propuseram a vir aqui a partir de um convite que faço sempre para uma oficina em meu terreno. Os jovens viajaram horas e eu fui buscá-los no centro de carro. Eles chegaram, atrapalhados montaram suas barracas e resolvemos iniciar as atividades. Comecei explicando muito sobre os ideais da permacultura e sobre a finalidade do terreno, contei como e planejei construir cada pedaço da minha futura casa. Muita coisa é feita mão, com os bambus retirados do terreno e o barro do chão. Os rapazes aprenderam sobre o super-adobe e começamos a encher os sacos e empilhá-los.

A manhã toda ralando e trabalhando. Mas, duas criaturas, no topo dos terreno ficaram fumando maconha o dia todo. Era maconha para tudo que era lado. Nem para a comida se mecheram. O dia acabou e fomos dormir cedo. Ainda não tem energia elétrica, então tem que usar a luz do dia mesmo. Quando bate a sede, poço artesiano sempre tem água fresquinha para dar. Bom, já a fome ainda requer ir ao mercado, porque a horta está em processo de construção. Nada que precise de geladeira. É comum que a gente asse uma carne com pão e foi o que fizemos.

O dia começou cedo e o pessoal, ou melhor, os rapazes animados para experimentar outras práticas já fora arrumando o café. O que aprendiam já colocavam em prática. Acho que é por isso que você nunca esquece de nada que aprende em uma oficina de permacultura. Porque numa construção de permacultura é assim, enquanto um grupo constrói uma parte, o outro constrói outra, quem não constrói faz uma música ou faz a comida. Ninguém fica parado. Eu não entendi foi é nada.

A tarde foi chegando e a viagem era longa para eles. Logo se arrumaram para ir, e assim o fizeram. Fui trabalhar na horta, lá sozinho eu dou conta. Mas é uma das poucas coisas que conseguem evoluir com um trabalho solo por aqui.

Um grupo de viajantes vieram uma vez também, até que eram muitas pessoas, o que permitiu um grande avanço aqui na estrutura. Eu ensinei tudo o que podia em um fim de semana. Da plantação ao banheiro seco.

Pessoas muito simpáticas que conheci e se movimentaram interessadas em aprender e contribuir em troca do conhecimento. O grupo era de São Paulo, como o anterior. Fizemos fogueira a noite e assamos o jantar no fogo, muita música e conversa.

Eles contaram muita história de suas viagens e dificuldades que já passaram no meio do mato. Por isso, a terra batida do meu terreno lhes pareceu até confortável. Fizemos música com tambor e nos divertimos. Dormimos e acordamos cedo, como de praxe para aproveitar a luz. Aliás, já tentou dormir numa barraca com o sol lá fora? Se você não acorda, assa. Foram embora querendo ficar ou pareciam querer voltar.

A história mais singular que já passou por aqui foi a de um grupo de escoteiros. Também me acharam no Facebook e tiveram interesse de vir até aqui. O grupo chegou em uma Kombi azul, eram uns cinco homens de sarja. Muito organizados, montaram suas barracas e aprontaram a Kombi para se tornar sua cozinha. Fiquei impressionado com o equipamento que carregavam. Esses estavam preparados para ficar na estrada. Tiveram muito interesse em aprender tudo sobre as plantas, a terra, as construções e mais que tudo, a improvisar.

Homens simples, alguns deles com seus 19 anos outros com 50 e muita história. Aprendi muitos tipos de nós e dicas de sobrevivência. Os mais novos tinham bastante agilidade para subir em árvores e vários truques nas mangas para as mais inusitadas situações, os mais velhos tinham a infância no olhar e de forma alguma queriam repousar em suas casas ou pensar em se aposentar. Diziam que suas vidas eram de constante aprendizado e nada aprendiam parados.

O que mais me surpreendeu foi quando descobri o trabalho que eles fizeram com tudo que aprenderam aqui. Na verdade, eles já sabiam muito, já tinham lido muita coisa, mas aqui puderam praticar e saber como utilizar a natureza em seu favor. Depois de alguns meses vi na rede social a proporção que aqueles três dias juntos tomaram.

Eles foram de Kombi América Latina toda ensinando às comunidades mais humildes as técnicas que podiam para melhorar suas situações de moradia, alimentação e até higiene (o que permite o banheiro seco). Da última vez que falei com eles, foram mais de 20 pequenas comunidades beneficiadas. Eu me sinto muito realizado por ter feito parte disso, de verdade.

Quantas vidas não estão sendo mudadas por apenas com o conhecimento de como utilizar da melhor forma os recursos naturais? E como isso vai se refletir nas próximas gerações dessas comunidades?

É a esperança de uma vida melhor para muita gente e o melhor, sem agredir a natureza, sem excessos, usando o mínimo e aproveitando ao máximo. Isso se aplica a tantas coisas na permacultura, senão, em tudo.

Nos recursos naturais, nas relações e até nos recursos industrializados.

E já é real, está acontecendo. Uma prova disso são o Daniel e os outros escoteiros. É por isso que eu quero que a minha casa aqui vires também uma oficina permanente de permacultura. É o que faz sentido para mim e para minha vida a partir de agora.

Sabe outra coisa que eu acho sensacional na permacultura? Todas as pessoas que vieram aqui contribuíram para a construção de uma parte desse lugar, ou até um pouco de cada parte daqui. Isso é incrível. Pessoas. Várias pessoas fizeram e vão fazer parte daqui. Histórias estão construindo a minha casa e essa oficina. E só assim, faz sentido.

Se eu contrato alguém para construir para mim, do que adianta? O que aprendo? O que significa? Nada. Só mais uma construção, ainda que com materiais característicos de permacultura. E outra, pedreiros sabem construir com tijolo e cimento. Quem sabe construir com adobe e tijolos de adobe sou eu quem quer aprender.

Mas também é complicado. Todos que vieram, vieram uma vez. Chegaram, aprenderam e se foram. Eu continuo aqui e preciso que voltem ou que novas pessoas se interessem. Já são seis anos e eu sinceramente não sei quando vou acabar.

Ainda que eu repare uma expansão e uma evolução da permacultura, ainda é pouco. Nem sempre tem gente querendo vir até aqui. Tem pessoas que acham que basta ler na internet para aprender o conceito e já basta. É verdade que muita coisa dá para aprender na internet, eu aprendi. Mas sabe, as pessoas não querem se mobilizar, se deslocar. A mudança é lenta, mas progressiva.

Ainda que não voltem, quem tem esse contato com a permacultura muda. Leva consigo um pedacinho dessa terra e se não dissemina para outras pessoas, implementa em suas vidas. Mas sé perceptível quão diferentes são as pessoas que buscam nem que seja conhecer a permacultura. Essas pessoas já se mobilizaram, elas não se contentam mais com o que o capitalismo oferece e como as tratam.

Me admira muito a forma como as pessoas se relacionam dentro do ambiente de permacultura. É extremamente diferente. Não é como no dia a dia, na rua ou no ônibus: as pessoas nem se olham, não se cumprimentam e geralmente são muito grosseiras umas com as outras.

A selva de pedra não se chama assim só por conta dos arranha-céus e cimento por todo lado, essa é a pedra. A selva são as pessoas, elas são ariscas e agredem os outros, agem de forma violenta como um animal que tenta se proteger a todo tempo de um ataque.

A correria, o empurra-empurra, a competição por lugares, lugares nos bancos, lugares nas filas, lugares nas vagas. Vagas de emprego, vagas de estacionamento, vagas de agenda e vagas por somente serem vagas. Chega uma hora que nem sentido mais a coisa toda tem. O ambiente realmente não contribui.

Afinal, desde cedo somos criados para competir. Os inúmeros jogos e esportes não parecem saudáveis para mim como tanto dizem. Isso enraíza uma competitividade no ser humano que nunca sai. Também prepara para a selva que está por vir. Mas, isso não é bom.

Aqui, num ambiente de permacultura você vai brigar para quê e por que? Não vai. Tudo aqui é de quem vive aqui. É tudo nosso, não há competição, existe contribuição. Se eu te ajudar eu também benefico e contribuo para toda a comunidade que vive no local.

Ajudar o próximo é ajudar a si mesmo. Por esse motivo, o conhecimento é amplamente disseminado num ambiente desses. Por isso, é quase impossível encontrar uma comunidade de permacultura que não tenha um espaço para cursos e palestras, tanto para quem vive lá quanto para quem tem interesse de aprender o que eles têm para ensinar e aplicar em outro ambiente.

Afinal, disseminar a permacultura é contribuir para sua própria comunidade e ajudar a espalhar a filosofia e as práticas mundo afora. Reter conhecimento não é de forma alguma algo que acrescente.

O curioso é que todo esse conhecimento e ensinamentos ainda não se encontram em grandes livros. Ainda é muito humano, é passado de uma pessoa para outra, como a língua, no convívio. Isso ainda é uma característica muito forte da permacultura.

É claro que você encontra muito de bioconstrução em livros diversos, mas a cultura e o improviso com o que a natureza dispõem e na prática, é no dia a dia. Por isso, não existe um livro único, nem uma teoria apenas, é um estilo de vida e é real.

Muita gente no primeiro contato acha que nós permacultores, queremos nos isolar, fundar uma tribo ou dominar o mundo e transformar tudo em comunismo simplesmente porque não competimos entre nós. Mas é exatamente o contrário. Queremos disseminar e ajudar a implementar muitas das nossas práticas no dia a dia de quem mora nos grandes centros.

Temos uma postura que muitos diriam passiva, não invadimos as cidades ou batemos de porta em porta oferecendo ensinamento. Estamos abertos a quem nos procura, não queremos nem de longe fundar algum tipo de ditadura.

Para você ter uma ideia da realidade que a permacultura já é, não faz muito tempo que foi fundada uma

grande universidade no Tocantins dos mais variados segmentos da permacultura.

Foge um pouco do trato humano que comentei anteriormente? Nem tanto, mas foi de um grande avanço para permacultura. Ter um centro acadêmico tão grande e organizado com as práticas e também a cultura.

Outro sentido construído pela sociedade capitalista com os anos e cada vez mais com o tempo é o senso de terceirização. As pessoas não sabem manipular seus próprios bens, precisam outra pessoa a quem paguem para fazer uma construção ou qualquer tipo de manutenção.

Você contrata alguém para instalar seu chuveiro, organizar a sua casa, limpar seu banheiro, consertar seu carro, e cortar sua grama. Você paga para alguém plantar sua comida, passar sua roupa e tirar seu lixo. Cada uma dessas coisas você é completamente capaz de fazer. “Mas eu não tenho tempo”. Por que você está fazendo alguma dessas coisas para outra pessoa.

Não terceirizamos, dividimos as tarefas e compartilhamos. Nós sim, em um ambiente fechado de permacultura, vivemos do nosso próprio trabalho. Mas sabemos que disseminar esse tipo de vida é difícil e demorado. Porém, inevitável. Afinal, o modo de vida atual, cheio de desperdícios, tem seus dias contados.

Ainda que eu implemente inúmeros elementos da permacultura e viva aqui muitos fins de semana e férias do meu trabalho. Ainda não se trata de um ciclo fechado. Não há experiência como a de viver em um ambiente tomado pela permacultura em todos os aspectos, o que a gente chama de ciclo fechado.

Infelizmente foram poucas minhas experiências com ciclos fechados de permacultura. Não tenho condições de fazer grande viagens e muitos desses lugares ficam no interior ou no norte.

Na Ecovila de São Domingos, em Minas Gerais tive a chance de ficar por quatro dias. A viagem foi longa, mas a expectativa era grande. Cheguei em um terminal que nem tinha um terminal. Bom, era uma rua, não era bem cimento.

Lá me buscaram e demorou mais um tanto. O portão era todo de bambus com um grande portal em cima de galhos e flores. Várias plantas por todo lado. As pessoas me pareceram muito humildes, não estavam bem vestidas ou com celulares nas mãos.

Muitas estavam sentadas ao chão, logo na entrada mexendo com argila e plantas. Havia quem regava, mexia na terra e plantava. Passaram umas crianças correndo. Caiu. Todo mundo olhou. Não chorou. Levantou. Voltou a correr. Está tudo bem.

Logo ao pisar lá dentro vi sorrisos, quem estava por lá me cumprimentou, pegaram minhas malas e

perguntavam da viagem, cansaço, se tinha fome ou sede. Já me convidaram de cara para ir ao grande salão de adobe em duas horas.

Eram várias apresentações de música, com instrumentos indecifráveis feitos de tudo que era possível extrair da natureza. Muitos sons da natureza e vozes suaves, senti paz. Tinha danças, poemas e rap. Tinha gente que já conhecia e cantava junto.

A hora do almoço era acionada por um sino e todos iam se servir. Muitas riam e contavam piadas. Muitos outras explicavam que plantas tinham em seu teto e como realizar misturas de barro e palha.

As conversas eram simples e puras, cheia de entusiasmo e novidade. Ninguém tinha pressa ou se incomodava com a demora da fila. Dava para conversar mais e reclamar da arte que aprontaram seus filhos.

Muitos estavam de passagem. Foram aprender técnicas e experimentar uma mudança de hábito. Só quem realmente morava lá eram os donos. Uma família de nove pessoas e mais uns quatro amigos da família que abraçaram a causa e ganharam seu espaço.

Ana Rita estudava filosofia em São Paulo na época e foi aprender. Tinha um terreno da família que seria seu e queria fazer diferente, ter uma vida com valores da permacultura e por isso pretendia neste terreno construir sua casa com as próprias mãos. Me vi em seu sonho. Desejei boa sorte.

Conheci também o Douglas (não lembro o sobrenome). Mas, ele pretendia fazer um teto verde em sua casa e um banheiro seco em seu quintal. Incomodava o gasto com água e o odor que ele mesmo deixava no interior de sua casa.

Tinha também a Dona Nena, uma senhora maravilhosa e cheia de vida. Vivia viajando e adotou o estilo de vida muito antes de saber o nome: permacultura. Depois de viúva. Vendeu sua casa e foi morar no sítio da família no interior de Minas. Ia muito na Ecovila visitar aqueles que já se tornaram sua segunda família e ouvir histórias. Ela adorava conhecer todo mundo lá e tocava muito bem o que parecia ser uma flauta de bambu.

Todos se abriam muito facilmente, sem pudor e sem medo. É como se aquela entre as pessoas fizesse parte de estar lá e eu acho que realmente fazia. Agente aqui em São Paulo tem medo de falar da gente para estranhos, parece que todo mundo é um potencial perigo. Eu sei lá.

A iluminação era feita com tochas. Mais música, comida assada na fogueira, gente namorando, crianças brincando. Foi uma grande festa. Mas quem passava a semana lá, disse que nem sempre era aquela moleza, era comum dormirem bem cedo de cansados e para aproveitar a luz do dia.

Vivi dois dias de trabalho por lá. Era plantação, construção, consertos e preparar a refeição. Várias oficinas e cursos para quem estava por lá: teto verde, adobe, banheiro seco, poços, design, engenharia, química e física. Isso e muito mais.

Vou ser sincero, não vi uma grosseria, uma briga ou a ausência de “por favor” e “obrigado”. As pessoas se respeitavam e tinham empatia umas pelas outras sem mesmo se conhecer. Apenas ao se esbarrarem de um curso para o outro. Eu tenho quase certeza que era o lugar que despertava isso.

Os professores não eram mestres ou doutores. Tinha professora de português que ensinava teto verde, um ex contador especialista em misturas de barro, palha, cimento e muitas outras coisas para dar sustentação a uma construção e também lojista que conhecia tudo de plantas e flores.

Muita coisa me surpreendeu naquele lugar e me provou que muitas certezas que temos na cidade, nada mais são que falsas certezas. Você não precisa trabalhar na mesma coisa para sempre, você não sabe fazer só uma coisa, você não é burro porque não conseguiu fazer uma faculdade. O que você faz para viver não importa, cada um faz o que pode com o que dá. O que as pessoas são e o que são capazes é a verdadeira realidade.

A professora ama a natureza e passa tudo para seus alunos, que com muitas atividades no colégio também se encantam. Aquele lojista nunca mais voltou, virou um permacutor em tempo integral e não abriu mão, a família acolheu ele, que apenas tinha sua própria família em alguma região do Nordeste. O contador planejava construir uma Ecovila como aquela e transformar sua vida.

Não são as grandes conquistas ou as grandes riquezas. É o fruto de sua horta, a música que você faz com seus amigos, a casa que você constrói e o aprender. Todo dia uma nova lição e uma nova conquista, em grupo, em conjunto e por todos.

Capítulo IV
Água de Reuso

A chuva que rega a consciência urbana e faz brotar a esperança

As gotas que um dia inundaram a cidade provocam alarde e uma nova postura ambiental germina nos solos de concreto

Terceiro mês do ano de 2014. As águas de março parecem não querer fechar o verão. O ano passa calorosamente com chuvas até 70% abaixo da média do ano anterior. Calor escaldante, sede, suor e banho... de caneca. Com o precioso líquido oriundo de um balde, abastecido por um caminhão-pipa.

A narração poderia ser uma adaptação de “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, ou se tratar de uma manchete de um diário nordestino sobre os castigos causados pela escassez de água, ou ainda, poderia se tratar de um documentário sobre a região sertaneja. Quiçá a descrição do habitat de um camelo. Mas a cena foi amargamente experimentada por seres que vivem na região metropolitana de São Paulo.

Devido à estiagem, o nível dos rios que cortam o entorno e cumprem a função de saciar a sede da metrópole, baixaram a índices alarmantes e catastróficos. O principal conjunto de reservatórios da cidade, o Sistema Cantareira, bateu recorde histórico, operando com apenas 14,6% de seu volume total. O governo realizou uma campanha de descontos a quem reduzisse o consumo para tentar amenizar a crise. A atitude foi contestada por parte da população, uma vez que o consumo doméstico é menor perante outros setores. De acordo com um estudo realizado pelo Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Educação Continuada da UNICAMP (CPDEC), 70% do consumo destina-se à agricultura, seguido de 22% utilizado pela indústria e apenas 8% usado por residências e comércios.

Em maio, a situação se agrava e o Cantareira opera com 8,2% de todo seu volume. No decorrer do ano novos recordes negativos foram batidos, o que levou a administração pública do estado a liberar a distribuição da reserva emergencial do fundo das represas, o chamado “volume morto”.

A remediação gera preocupação na sociedade, pois especialistas temem que as substâncias químicas que não podem ser filtradas em tal nível tragam problemas de saúde para a população.

Wagner Costa Ribeiro, geógrafo e professor da FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas da USP, afirma que as ações adotadas pelo governo do estado são arriscadas, pois além de ser perigoso usar a água parada há tanto tempo, pode-se com isso, acabar com o recurso no sistema. “Retirar a ‘água morta’ dos fundos das represas significa tirar até a última gota de água do Sistema Cantareira, uma água que está parada há quarenta anos e não sabemos quais elementos estão associados a ela. Para saturar o solo novamente a ponto de a represa voltar a encher, será preciso muito mais que o volume médio de chuvas

na região, cujos índices não foram atingidos”.

Após investigação pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, a Câmara dos Deputados abriu uma Comissão Parlamentar de Inquérito que concluiu que a crise foi resultado da ausência de chuva, endossando a atitude do governo, que delegou apenas à natureza a responsabilidade do caso. Alguns analistas criticam a negligência estatal ao ignorar a criação de medidas alternativas para o abastecimento, prevista no contrato de permissão para a Sabesp retirar a água do complexo, renovado em 2004.

Jefferson Nascimento de Oliveira, especialista em recursos hídricos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), diz que faltou planejamento por parte da empresa que gerencia o recurso em nosso estado. Desde que foi criado o projeto de abastecimento, a população cresceu e as demandas mudaram. “A população aumentou não só numericamente como também economicamente, passou a consumir mais água. Em 12 de janeiro de 2010, o Cantareira estava com 97% de todo o seu volume. Choveu muito naquela temporada. Estava muito cheio, mas em cinco anos, não só acabamos com o volume todo como precisamos usar água do volume morto. De fato choveu pouco, mas tínhamos um lastro. A falta de água já era algo previsto”, explica o professor.

Do “Lepo-lepo” ao “Baile de favela”, as músicas da moda, que embalavam os verões brasileiros, pouca coisa mudou. Os paulistanos continuaram a sofrer pela secura de suas torneiras. As chuvas que em 2015 caíram no solo, que um dia foi o solo da terra da garoa, foram insuficientes para sanar o problema hídrico da região.

A falta d’água atingiu 24 milhões de pessoas em 67 municípios de São Paulo e também Minas Gerais, que tiveram de se acostumar com suas torneiras vazias devido aos racionamentos estipulados pelas autoridades.

Em 2016, os espíritos da natureza parecem se compadecer com os cidadãos da região do sudeste brasileiro, com chuvas mais intensas e aumento dos níveis dos mananciais. Em meio a tantos acontecimentos políticos de grande magnitude, a crise hídrica paulista parou de ser constantemente mencionada pelos veículos de informação, entretanto, o mês de julho foi o mais seco dos últimos cinco anos e voltou a acender o alerta no Sistema Cantareira.

Chegamos ao ano de 2017 com a certeza de que nenhum recurso natural é inesgotável e que, para cada crise que enfrentamos, devemos aprender alguma lição. Independentemente da gestão pública, no que tange viver harmoniosamente com o planeta, todos os seres pensantes podem contribuir, pois trata-se de garantir a nossa própria existência na Terra.

- **A ocasião gera a ação...**

Após anos de indiferença, a natureza conseguiu chamar a atenção para sua existência na cidade de São Paulo, sobretudo a existência da água. A chuva que historicamente castiga a metrópole com enchentes, resolveu se ausentar por um período, trazendo além do calor e da seca, um despertar para sua importância no âmago de seus habitantes.

A ideia de reaproveitamento da água ganhou força após esse fenômeno, e empresas e ONG's intensificaram seus trabalhos no plano de conscientização da sociedade e também na execução de seus projetos.

Leonardo Tannous é idealizador da iniciativa ÁguaV - Construindo Sustentabilidade, que tem como atividade elaborar projetos técnicos e soluções viáveis tendo o saneamento básico como elemento principal de seu ramo de atuação. Uma equipe multidisciplinar atua conjuntamente com a iniciativa, de acordo com a demanda de cada projeto.

“Nós buscamos de uma forma transparente apresentar aos clientes toda a solução que ele precisa, garantindo a excelência do serviço, mostrando que a sustentabilidade é possível e viável. Nossos serviços contam com cursos com temas voltados à implantação e manutenção de sistemas hídricos sustentáveis e também conscientização”, comenta o empreendedor.

A ideia de projetos com esse tipo de proposta é relativamente nova em nossa sociedade e apresenta diversos benefícios individuais e coletivos, uma vez que se economiza um recurso que é vital para todos os seres humanos e, ainda por cima, apresenta um novo comportamento, menos degradante ao planeta Terra.

Leonardo entende que a questão da água é de extrema importância e se diz satisfeito por poder colaborar de forma positiva, aplicando o conceito do reuso da água. “Nós atuamos, no Brasil e no exterior, oferecendo toda uma estrutura para o cliente que deseja aplicar técnicas de sustentabilidade da água em seus empreendimentos, e poder garantir com que façam isso, aumentando a consciência de todos, traz uma enorme felicidade para nós”, completa ele.

Pensar em empresas com uma postura ambiental é mesmo quase impossível. E se a empresa for responsável por gerenciar uma rede de shoppings vai nos exigir uma experiência de vida e uma certa malícia para compreender o aparente paradoxo.

A transnacional portuguesa Planet Sierra é responsável por gerenciar complexos comerciais pelo mundo. No Brasil, administra alguns shoppings em São Paulo e em Manaus, e a política do conglomerado é reduzir

o impacto ambiental gerado por seus estabelecimentos.

O shopping na zona sul da cidade de São Paulo, situado na estrada de Itapecerica, adota medidas como conscientização dos colaboradores (incluindo os lojistas), instalação de redutores de vazão nas descargas, mictórios a seco, troca das toalhas de papel por secadores e separação de lixos e reciclagem. No outro shopping da rede, também na zona sul da cidade, além dessas práticas, é executada mensalmente uma análise de efluentes, e ainda a reutilização da água para irrigação dos jardins e nas descargas.

A engenheira ambiental que atua como analista de recursos da empresa, Jenny Souza, garante que as ações são pioneiras no Brasil e é de extrema importância que outras empresas adotem essa política. Ela afirma que as ordens são passadas pela matriz portuguesa e que ainda encontra dificuldades para a eficácia da atuação no Brasil.

“Infelizmente estamos muito atrasados na conscientização ambiental. Não faz parte da nossa cultura esse tipo de preocupação, nossa educação é bem diferente, vemos uma abrangência muito pequena do tema em todas as camadas da população. O assunto é pouco explorado ainda nas escolas infantis, o que seria uma boa estratégia para algum tipo de mudança”, lamenta a engenheira.

Embora atitudes como essas sejam de fundamental importância para uma movimentação em prol de uma harmonia com a natureza, a motivação ainda parece ser mais uma economia de gastos do que consciência propriamente dita. “Sabemos da importância de nossas práticas, mas assim como em toda a sociedade o que motiva é a economia financeira... as pessoas parecem que só se movimentam quando sentem no bolso, ainda assim, no Brasil isso acontece muito pouco”, comenta Jenny.

Diante da crise hídrica, que tem diversos agentes causadores em sua gênese, sobretudo a ação humana, atitudes como as dessas empresas tendem a anunciar um novo estilo de vida. Tanto para o empreendedor Leonardo Tannous como para a engenheira Jenny, a mudança acontece de forma não radical, as iniciativas não pregam o abandono total do conforto humano, mas indicam uma interação de consumo um pouco menos danosa à natureza. Um pouco mais respeitosa. Decidida a minimizar os impactos causados pelo homem sem abrir mão de poder consumir, uma relação que visa a harmonia entre o sistema econômico-social e os recursos naturais, mostrando que é possível viver bem, consumindo o que julgar necessário sem que para isso leve a cabo os elementos da natureza.

A crise que causou enorme desconforto na região mais rica do Brasil, de alguma forma, serviu para incentivar o consumo consciente dos recursos naturais e traz reflexões pertinentes. O que podemos fazer para aproveitar os recursos sem levá-los à escassez? Como podemos colaborar para reduzir o desperdício da água?

A resignificação da chuva que semeia a esperança para o futuro

Em um lugar em que a selva é de pedra, uma margarida representa resistência. Claro, dependendo do olho de quem vê, do nariz de quem sente seu perfume e das mãos de quem a toca...

Jardim das Flores, Jardim das Rosas, Parque das Cerejeiras, Jardim Santa Margarida, todos são bairros que talvez homenageiam o passado, o tempo em que o dito progresso não impedia as plantas florescerem. Quiçá tais nomes foram dados para disfarçar a ausência da natureza que um dia prevaleceu nos centros urbanos.

Casas de todas as formas margeiam as pavimentadas vias da zona sul da megalópole: São Paulo. Umas de alvenaria com acabamento detalhado, outras de blocos de concreto, ou até mesmo casas de madeira, umas mais requintadas e outras mais simples. Em um mesmo bairro não é difícil se deparar com moradias improvisadas de Madeirit e, sem andar muito, encontrar casas muito bem estruturadas com acabamentos arquitetônicos impecáveis.

Todos esses bairros citados pertencem ao distrito do Jardim Ângela e estão sob os cuidados da Subprefeitura de M'Boi Mirim. Um lugar que já foi considerado pela Organização das Nações Unidas como a região urbana mais violenta do mundo mas que atualmente alegra-se de ver cair drasticamente o índice de criminalidade. Com uma renda per capita estimada em R\$ 568,12 e Índice de Desenvolvimento Humano em 0,750, considerado médio, todos eles possuem suas peculiaridades, como o córrego que com seu odor contrasta o Jardim das Flores, o samba da escola “Os bambas” que empolga os moradores do Jardim das Rosas ou ainda o charmoso cemitério do Parque das Cerejeiras que além de ser destino de algumas almas que partiram, oferece uma bela paisagem. Mas o que me seduziu foi aquele que logo na avenida se manifesta com a arte dos grafites nos muros feitos por estudantes que, expressam seus dons e revoltas sob spray, Jardim Santa Margarida. Caminhando mais a frente é possível desfrutar o delicioso pão de queijo de uma das padarias mais badaladas da região.

Dobrando a direita nos deparamos com uma subida de tirar o fôlego, até mesmo de atleta. No seu topo podemos ver o Quixadá. Não, não é a cidade cearense homônima, é a pastelaria da mesma rua de um senhor que conserta tudo, um dos fundadores do bairro. Ele está lá desde que a maioria das casas se resumia a campos de terra, nos quais as crianças da época cortavam caminho para chegar à escola.

Recuperando o ar e subindo um pouco mais tem uma casinha de boneca. Não se sabe se a casinha de boneca é na casa ou se a casa é na casinha de boneca, já que as pessoas da residência poderiam tranquilamente viver nessa “casinha” em seu quintal.

Feita de madeira, chama a atenção de qualquer criança ou adulto que passe por lá. É quase impossível a criança interior não vir à tona e nos chamar para brincar e trazer as lembranças quase sempre felizes da época das brincadeiras com bonecas das meninas.

O que há de especial em quem mora lá são os rostos alegres de gente bem humorada, animada e hospitaleira em sua maioria. Quando ainda é o sol quem comanda, um fluxo grande de pessoas vem e vão pelas ruas, umas passam para ir trabalhar, outras levam as crianças para a escola ou ao médico. Parece não ser possível sair tantas pessoas daquelas ruas estreitas, rumo aos grafites dos estudantes nos muros, para esperançosamente aguardar um transporte público que pare próximo dali, naquele ponto extenso, para que assim possam embarcar e desembarcar em seus destinos.

Também têm aqueles moradores que vão desbravar as inúmeras possibilidades da região. Vão ao mercado, a passeios, à feira, à escola de dança que abriu ali próximo recentemente, à academia, se exercitar na pracinha do lado da escola. Têm ainda, aqueles que levam seu animalzinho no pet shop, apostam a sorte no bar do Zeca, e também dão uma passada na danceteria para distrair a cabeça de uma semana que passou devagar.

Algumas senhoras e senhores sentados nas calçadas observam esse movimento, enquanto aguardam ansiosamente alguém que tenha a sorte de reservar um tempo para dedicar-lhes atenção, a fim de apreciar suas histórias de doces lembranças de tempos passados, que contam com riqueza de detalhes.

Após o horário de pico passar, esse que é conhecido e assustador para os paulistanos, ao entardecer pode se perceber o transcender do clima com o ressoar do vento. O tempo muda e as feições de todos que por lá passam também. Agora o que está no ar é o receio. O ronco do motor de uma moto ecoa no ouvido como bomba relógio, que não se sabe bem onde vai explodir.

O cenário se modifica radicalmente. Os sorrisos dão lugar para olhares tensos. Uma moça sobe a ladeira em passos apressados, como quem anseia um troféu ao fim da corrida. Ouve passos atrás de si. Se fosse mesmo uma corrida poderia ser um adversário, mas o troféu que a moça busca, é cruzar seu portão para dentro em segurança. Os passos que a perseguem parecem estar cada vez mais próximos, a querer lhe arrancar o troféu e o suspiro aliviado.

Dessa vez o suspiro vem antes mesmo do portão, quando a moça que já teve, algumas vezes, esse suspiro truculentamente arrancado e substituído por um grito de socorro, ali bem próximo da árvore grande, de frente ao comércio do senhor que conserta tudo. Surpreende-se ao olhar para trás e receber o olhar companheiro da vizinha que conhece de vista. Mesmo com a impressão de cenário de guerra ainda é possível perceber a presença da sororidade.

As duas sentem-se felizes por ser uma a outra a quem encontraram, porém a bomba relógio apita cada vez mais perto e com intervalos mais curtos, representada pela motocicleta que, com seu garupa não pensam duas vezes para tirar-lhes essa sensação de segurança e estourar a bomba, levando o celular que ela ainda pagará cinco parcelas, deixando a revolta em seu lugar.

Assim é a vida moderna. Assim é a vida de quem vive nessa rua especial, em que as casas de boneca e seus moradores de sorrisos afáveis são obrigados a conviver com o crescente e alarmante número de assaltos. Assim é essa via que afunila o tráfego da região, como um coador que passa o café, cujo cheiro é inevitável não sentir ao passar defronte a casa onde vinte e quatro horas por dia fica uma namorada no muro, café esse que parece dar vida ao enfeite de busto de mulher. A namorada que tudo vê, parece direcionar o olhar a casa mais arborizada da região. Casa em que habita a personagem que aguçou minha curiosidade e me fez procurá-la para marcar um dia em que pudesse me receber para quem sabe poder absorver um pouco de sua consciência, generosidade e atitude ambiental, que falavam alto desde seu portão de entrada. Para minha alegria ela aceita meu pedido.

Por meio das circunstâncias o encontro foi ajustado para o fim de tarde. Sim, já era tarde, mas ela esbanjava disposição para fazer o que lhe gera satisfação e gratidão. Talvez o segredo de tanta energia estivesse guardado no modo como leva sua vida.

No dia marcado, ao entardecer o céu se fechou. Todos se preocupavam em achar seus guarda-chuvas e capas. Um ambulante vendeu todos os que tinha no ponto de ônibus em que desembarquei para o encontro. Não longe dali, enquanto todos desejavam correr da chuva, aquela senhora parecia querer abraçá-la e aproveitar tudo o que ela tinha para oferecer.

A característica mais marcante dela é o dom de resignificar a realidade. Coisas que parecem corriqueiras e sem importância para a maioria das pessoas, ela consegue extrair todo o seu valor, e desbravar todo seus sentidos, assim como faz com a chuva.

As águas do céu enchem duas das caixas, as de mil litros, e os dois baldes de cem litros cada um. Na parte de cima, na varanda, as flores são regadas com a água dos tambores que escorrem por um cano que leva a água da chuva para uma caixa embaixo da escada que é utilizada para limpar a parte de fora, aguar a horta, também para a lavagem dos vidros do lado externo e para lavar os carros. Na edícula tem outra caixa como essa de mil litros que também capta a água da chuva para abastecer aquele lado da casa. Ainda tem a caixinha de cento e cinquenta litros que é abastecida pelo cano da máquina de lavar, colocando uma meia calça no cano que serve para filtrar as sujeirinhas da água da chuva.

Clevocir da Silva me recebe com hospitalidade e após servir o café que vitaliza a imagem da namorada

vizinha, me leva para o lugar que ela mais gosta da casa, o quintal onde pode ter maior contato com a natureza e seus cachorros que trata com muito apreço. “Aqui é um lugar muito gostoso. Às vezes, essas meninas aí ficam brigando, parecem umas doidas, mas tem bastante mato”, diz ela referindo-se às cachorras que têm suas casinhas fixadas embaixo de uma das árvores do terreno.

No local podemos notar muitas plantas, ervas e verduras de sua horta e árvores. Há alguns anos tinha uma casa da árvore. Clevo (como é chamada pela sua família e amigos) desejava muito ter um fogão à lenha, para recordar o gosto das comidas que sua avó fazia em um passado um tanto distante no Paraná, para isso precisaria construir uma instalação no quintal, o lugar ideal seria junto da mangueira, a qual alimentava muito apego. Como nunca sequer cogitou a hipótese de derrubá-la construiu a instalação respeitando a árvore que passava por dentro da casinha e se tornou um dos pontos mais aconchegantes do lugar. “Eu adoro comida feita com fogão à lenha, lembra a comida da minha avó, daí fiz o fogão... o povo todo adorava, mas depois de uns anos tive de derrubar, porque o caule da mangueira ameaçava cair na construção, resultado do tempo”, relata a simpática mulher.

Ela tem 56 anos e é Educadora Infantil aposentada. Aposentada na área da Educação, pois em matéria de sustentabilidade a negra senhora de estatura baixa, cabelo curto e enrolado, cria todos os dias.

Quando lecionava às crianças da creche pública da região, reutilizava materiais recicláveis, que são comuns na maioria das casas, para ensiná-las a fazer seus próprios brinquedinhos, o que despertava a criatividade dos bacurizinhos e de algum jeito abria a consciência deles para interagir com a natureza.

Sem rodeios ela conta que a estratégia trazia também certo conforto para os pais que na época não tinham dinheiro para presentear seus filhos com os brinquedos eletrônicos que as lojas ofereciam. “Oh, naquele tempo os eletrônicos não possuíam a mesma tecnologia que têm hoje, mesmo assim, seus preços eram altos, e era difícil o acesso aos moradores desses bairros periféricos”, explica ela com doçura nos olhos.

Na realidade o que essa professora ensinava era como driblar as adversidades sociais tendo como exemplo ela mesma. Em sua infância pobre, sua tia confeccionou sua primeira boneca, feita de pano. Boneca que gostava muito, pois era uma boneca negra, que os mais velhos diziam parecer com ela. “Era minha pretinha, feita de pano... Adorava a bichinha!”, lembra.

Ao se relacionar com outras crianças de poder aquisitivo mais alto sua bonequinha foi chamada de bruxa, fato que a deixara triste e ela narra com uma tranquilidade de quem nasceu para lutar e vencer. Pudera, pois a garotinha triste, ao invés de se envergonhar, passou a gostar ainda mais do brinquedo e começou ela própria, junto a sua tia, a usar tudo o que podiam para aumentar suas brincadeiras. “Ah, a gente

fazia bonecas de sabugo de milho, fogões e casinhas com caixinhas de fósforo e com todos os objetos que os adultos descartavam sem o menor ressentimento”.

Essa necessidade acabou por virar hábito de procurar um algo a mais nas coisas e aumentou seu contato com a natureza. Ainda criança gostava de comer as frutas das árvores e adorava ver o mato. Desde pequena guardava um carinho especial pelos animais. Não apenas gatos, cachorros e galinhas. Ela adorava ver os pássaros, os macacos e com muita coragem nem gritava se por ventura se deparasse com uma cobra.

Clevo sonhava com uma vida melhor e a vida melhor para ela era conseguir ter tudo aquilo que aos poucos, na medida em que ia crescendo, foi mudando de cor e tom. Ela acompanhava o verde virar cinza e o frescor ser abafado por sombras de concreto. Sua família deixa o Paraná rumo a São Paulo, cidade que efervescia em desenvolvimento econômico-industrial. Entretanto a garota sempre procurava a sombra de uma árvore para pensar sua vida.

Começou trabalhar com treze anos numa fábrica de tecido, naquela época era permitido. Depois trabalhou numa loja de materiais elétricos, fez um curso de cabelereira, que não levou a cabo porque descobriu que tinha alergia àquelas luvas cirúrgicas que elas usam. Logo depois começou a cuidar das crianças na creche, que no tempo era do ramo da Assistência Social... Só foi fazer a faculdade em 2003.

Ela desejava ter uma vida plena e confortável. Desejos comuns à maioria das pessoas, mas o conforto para ela ia além de ter realizados os sonhos materiais. Gostava da natureza e sentia-se feliz em contato com ela. Passou a economizar os recursos naturais, a princípio por questão monetária, mas sua consciência logo despertou para as ações que ela acompanhou e percebeu que muito mais do que dinheiro ela estava melhorando sua própria vida, resgatando os sonhos de sua infância.

Acompanhou a construção de sua casa de perto e optou por fazer economia com vários gastos na época para investir em alguns aspectos sustentáveis. “Eu queria ter meu cantinho e para isso tinha que economizar. Eu poupei bastante. Tinha que me organizar para conseguir o que eu queria”.

Clevo sempre olhou as situações de um ângulo diferente. Sempre poupou os recursos naturais da maneira como podia e quando teve a oportunidade de construir sua própria casa, quinze anos atrás, pesquisou bastante o que poderia colocar em prática para conseguir um pouco de sustentabilidade para o planeta e qualidade de vida para ela e para sua família. Assim, a princípio, instalou um sistema de captação de energia solar, para aquecimento da água do chuveiro e das torneiras da pia, e uma caixa d’água para captação de água fornecida pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo, a Sabesp. Ela conta empolgada cada ideia que aplica em seu dia-a-dia, e diz que apesar de um esforço maior para agir conscientemente, o resultado final vale muito a pena.

“A gente tem que fazer nossa parte para um mundo melhor, assim podemos ser agentes de mudança em nosso meio, plantando a semente da esperança nos corações de quem nos rodeia”, afirma Clevo.

Isso faz com que ela seja muitas vezes usada como exemplo para efetivar atitudes sustentáveis. Além disso, ela diz que compreender e cultivar os investimentos a longo prazo pode gerar ganhos para vida individual e também para o planeta. “Se as pessoas soubessem, o quanto economiza talvez as atitudes fossem diferentes... Eu sempre gostei da natureza então para mim não é nenhum sacrifício, mas é difícil para quem já nasceu com tudo industrial”, analisa ela.

A maneira como executa suas tarefas, de tão naturais, parece não querer colher louros para sua importância à sociedade. Ela apenas tem a consciência de que faz parte da natureza e ao contrário do senso-comum acredita que precisa interagir com o ecossistema, numa barganha natural e saudável, numa interação sustentável. “É um prazer para mim, ver minhas plantinhas crescendo e dando frutos, além de ser muito mais saudável e saboroso para mim e minha família”, diz Clevo referindo-se à sua plantação.

Em meio a um mundo em que a maioria das pessoas não pensam no lixo que produzem todos os dias e na água que é gasta, essa pedagoga aposentada com habilidades incríveis na arte de ressignificar produtos que lotariam os lixos semanais e litros e mais litros de água que iriam pelo ralo, continua a nos dar aula.

Clevo confecciona objetos incríveis com produtos recicláveis, como sofás feitos de caixas de leite, almofadas feitas com tecidos de guarda-chuvas quebrados (que além de serem impermeáveis, são ótimos para quem sofre de problemas respiratórios, pois não juntam poeira e pelos), cestas com papel de revista e jornal, berços e guarda-roupas com madeiras de móveis que teriam como único destino a lixeira, hortas verticais com pallets, acabamento do jardim com garrafas PET's, entre outras coisas que sua gigante criatividade permite. Quase todos os móveis de sua residência foram cuidadosamente feitos por ela e impressionam pelos acabamentos impecáveis, dignos de uma verdadeira artista plástica, ou designer de interiores. Além de tudo isso, ela ainda tem muita energia e vigor para cultivar a horta e aproveitar ao máximo a água que cai das nuvens e também a que foi usada para lavar as roupas da casa.

Ela usa tambores de plástico e três caixas d'água extras, para pegar a água da chuva e a da lavagem de roupas para limpar a casa, o canil e para regar sua plantação.

Clevo cuida muito bem mesmo da água. Economiza cada gotinha que iria para o ralo. É um hábito dela, aproveitar a água do banho com baldes e depositar por um funil em recipientes cuidadosamente reaproveitados com capricho, para dispensar a urina dos vasos sanitários.

Durante a crise hídrica que afetou a cidade, a Sabesp aplicava multa para quem ultrapassasse o consumo

estipulado. Clevo sempre gastou pouco e por isso a sua meta de consumo era baixíssima, o que a deixou com medo de passar e tomar multa. Foi nesse momento que começou a reusar a água do banho. “Eu esguicho um pouco de cloro nos recipientes para ser mais higiênico e para não ter riscos de ficar com cheiro ruim”, salienta ela.

Mesmo sendo uma pessoa que sempre teve uma postura positiva ambientalmente, num determinado momento pagou pela displicência coletiva. No auge da crise hídrica que abalou a cidade de São Paulo, ela lembra que também sofreu com o calor junto com sua plantação, mas reconhece que sua interação com a natureza trouxe certo consolo.

“Ah, todo mundo sofreu com aquele calorão e com a falta de água, mas eu podia ir até o quintal e saborear uma frutinha na sombra da bananeira, para mim, isso é um luxo”, recorda a aposentada.

A professora não consegue estimar quanto à sua maneira de viver gerou de economia monetária ao longo da sua vida, mas garante que foi muito proveitoso este estilo, tanto que conseguiu comprar um sítio em Embu-Guaçu. “Ah, eu adorava aquele sítio... era tudo mato, tinha que ser preservado por ser parte da Mata Atlântica. Era um terreno grande, lá a gente via os macacos bem pertinho de nós... tinha um lago que tinha tartaruga e a casa era grandona também. Eu dividia o tempo aqui e lá, e gostava muito de lá, mas infelizmente nos tempos que eu estava aqui a casa do sítio foi assaltada algumas vezes e decidi me desfazer”, descreve Clevocir com saudade e um pesar na voz. Mas esse sentimento deve passar, pois ela mostra ser uma pessoa determinada em seus objetivos e já faz planos para comprar outro sítio, dessa vez em outro estado e estuda uma cidade que seja mais segura para concretizar o feito.

É mesmo um luxo desfrutar a sombra de uma árvore e saborear uma fruta colhida em nosso próprio quintal, ainda mais se tratando de uma residência em uma zona urbana. E mais importante do que a luxuosidade, trata-se de uma questão de sobrevivência e qualidade de vida. E para continuarmos a ter essa substância vital, práticas como as de Clevo, devem ser cada vez mais acentuadas. A sustentabilidade dos assentamentos e relações humanas parece ser agora o meio mais eficiente de viver (e deixar viver) no planeta Terra.

A modernidade nos trouxe conforto e na bagagem uma série de costumes pragmáticos e individualistas. Uma gama enorme de ordens nos é transmitida constantemente por meio da cultura globalizada. Ser um vencedor para a sociedade atual se tornou uma questão de possuir recursos monetários para se obter destaque e honrarias sociais.

Nesse cenário, é de muita valia encontrar pessoas que resistam aos assédios sociais e firmam atitudes de consciência ambiental, como Clevocir da Silva que apesar de ser uma dessas pessoas, muito consciente

com o trato da natureza, não se considera ambientalista e prefere incentivar as pessoas sem falar muito. Seu temperamento mostra que ela é uma mulher que prefere agir a discursar. Ela acredita que hoje em dia não lhe cabe mais querer doutrinar as pessoas para uma mudança de hábito, isso ela fez na época em que ainda cuidava das crianças da creche municipal e, portanto, suas ações são a melhor forma de cativar os outros e reconhece que a maioria das pessoas se anima a tentar uma nova postura quando o assunto resvala nos seus bolsos.

Capítulo V
Alimentos Orgânicos

Decifrando a produção do alimento orgânico

A produção de alimentos orgânicos ganhou números expressivos nos [últimos três anos. Somente no Brasil, o crescimento foi de 20% em 2014, 25% em 2015 e fechou o ano de 2016 com o invejável índice de 30% de crescimento. No mesmo período, o mundo todo registrou taxas de crescimento entre 5% e 11%, o que reflete que o Brasil está obtendo crescimento dobrado neste mercado, embora o país represente ainda menos de 1% da produção e consumo mundial.

Os dados foram apresentados pela Organic Manitor e foram avaliados como muito positivos, uma vez que o mercado consumidor orgânico movimentou cerca de R\$ 3 bilhões em 2016 e a expectativa é de otimismo para 2017. Segundo o coordenador executivo da Organics Brasil, o registro de crescimento seria ainda maior se houvesse um trabalho especial para o incremento do número de produtores orgânicos cadastrados. O Cadastro Nacional de Produtores orgânicos é um órgão do governo que organiza e lista os produtores e também serve para controlar a qualidade orgânica da lista. No estado de São Paulo, o crescimento de produtores cadastrados foi de 16,9% em 2016, com relação ao ano anterior. Hoje, o estado conta com 1592 produtores, todos participando do Programa São Paulo Orgânico. O crescimento se deve a iniciativa entre as Secretarias de Meio Ambiente e Agricultura. O projeto conta com a participação de 222 cidades, todas elas possuem atividades de agricultura orgânica.

Diferente da agricultura tradicional, os principais aspectos da agricultura orgânica é o uso de adubos orgânicos (esterco, ou adubo verde), controle alternativo de pragas e doenças, uso de práticas conservacionista do solo e a busca pelo auto sustentabilidade dos sistemas de produção. Mas afinal, como podemos classificar os alimentos orgânicos? E onde podemos encontra-los? Para solucionar essa questão, a melhor saída é entrar em contato com especialistas, e eles estariam, obviamente, nas feiras de alimentos orgânicos. A cidade de São Paulo tem mais de dez feiras de alimentos orgânicos e a resposta certamente estaria em alguma delas.

Sábado, 5 de agosto de 2017. Em um sábado ensolarado na cidade de São Paulo na rua Dona Helena Pereira de Moraes, na altura do número 200. Na zona sul da capital paulista, precisamente no parque Burle Marx funciona aos finais de semana a primeira feira da cidade a comercializar somente produtos orgânicos. Lá, os produtores vêm direto do cinturão verde de São Paulo para vender seus alimentos.

O cinturão verde é a região conhecida como Reserva da Biosfera da Cidade de São Paulo. Foi criado em 1994 e abrange 73 municípios da chamada Grande São Paulo. Ele auxilia na recuperação atmosférica filtrando o ar poluído, protegendo o solo vulnerável, abrigo das espécies de animais e auxiliando a segurança alimentar das cidades no entorno. De lá, saem os alimentos frescos que a família Furquim

consome. O casal de empresários Marcos e Camila e seus dois filhos, o esportista e energético Gael, grande fã de tomates e que tem quatro anos e Lina, a caçula, tímida porém sorridente, que experimenta seus primeiros passos no alto de seu primeiro ano de vida.

A matriarca deste núcleo familiar, Camila, optou pelo consumo de alimentos orgânicos só após o nascimento dos filhos. Ela considera essa prática uma alterna saudável para as crianças. “Hoje em dia, tudo é muito artificial, e nós temos medo de oferecer esse tipo de alimento para as crianças. A ideia é criar esse hábito neles para que possam seguir essa linha durante a vida”.

Na barraca onde a família sempre compra seus produtos, a produtora e amiga do casal, Luana Callipo, destaca que esse comportamento tem aumentado e a procura por orgânicos deve crescer ainda mais. “Vamos lembrar que existem vários aspectos e qualidade nos orgânicos. Junte o valor nutricional, a durabilidade, o sabor, a cor e a textura e saberá por que escolher o orgânico”, disse a produtora.

“É realmente diferente”. Foi assim que Marcos complementou a resposta de Luana. Com o filho Gael no colo e um pedaço de tomate na mão, ele afirmou que os alimentos processados que a maioria dos brasileiros consomem tem sabor diferente do que o alimento plantado e colhido naturalmente. Segundo ele a valorização do alimento é essencial para bons apreciadores. “Gosto muito de cozinhar e principalmente de comer. Quando você se depara com um tomate desses, para quem valoriza o sabor e tem paladar para isso, faz muita diferença. Eu valorizo, eu gosto de sentir esse frescor do alimento.” O filho do casal, Gael, apesar da pouca idade também se mostra um grande fã dos tomates produzidos por Luana. “Uau, que tomate gostoso!”. Foi assim que o sorridente garoto cabeludo classificou o alimento.

A realidade porém é diferente. Segundo o Ministério da Saúde, apenas 24,1% dos brasileiros consomem frutas e hortaliças, e desse dado, menos de 1% consome os alimentos orgânicos. Recentemente a OMS divulgou um texto recomendando que o Brasil adotasse a política dos alimentos in natura para as escolas do ensino público. No texto, a organização defende que devem ser consumidos alimentos obtidos diretamente de plantas ou de animais e adquiridos para consumo sem que tenham sofrido qualquer alteração após deixarem a natureza.

Para a nutricionista especializada em alimento in natura, Elaine Azevedo, o principal fator que determina a diferença entre o alimento processado e o orgânico é o fator nutricional. “Vamos fazer uma relação com o corpo! Quando você come demais, não significa que você está bem nutrido. Ao contrário, se você come muito, pode ter diversos problemas como obesidade. Mas quando você come pouco você fica desnutrido. O ideal então é pesar pela qualidade, não pela quantidade”.

Segundo a produtora Luana Callipo, o planeta Terra não consegue mais gerar tanto alimento para

todo mundo, por isso temo alguns que comem demais e outros que comem muito pouco. Portanto, se alimentar com o produto correto, de procedência garantida e na quantidade certa seria a saída para décadas de degradação e fome de grande parte da população mundial.

A nutricionista Elaine destacou também a importância da qualidade do solo para a produção de alimentos mais equilibrados e saudáveis. “Existem poucas pesquisas ainda, mas os resultados apresentados comprovam que os orgânicos tem, em sua composição, muito mais minerais”. O motivo para essa constatação é o método de agricultura convencional, que se utiliza de muitos produtos químicos que, conseqüentemente, alteram o nível de nutrientes do alimento, dado que despencou exponencialmente nos últimos anos.

Mas então, com todos esses dados e com todas essas pesquisas, por que ainda não somos os principais consumidores de alimentos orgânicos do mundo? A resposta foi a mesma de todos os entrevistados. A acessibilidade. “O Brasil é um país de muitas desigualdades e pouca acessibilidade a um alimento de maior qualidade e, conseqüentemente, de maior gasto”, disse Elaine. A nutricionista porém afirma que existe uma solução para diminuir a quantidade de alimentos processados. Segundo ela, a política da horta vertical está em grande crescimento no Brasil. “Em cidades mais apertadas, como São Paulo, a opção pela horta vertical é muito interessante. Você não precisa ser um produtor, mas pode ter suas hortaliças e temperos vindos dali”. A família Furquim, voraz consumidora de produtos orgânicos é adepta da horta vertical. Para Camila, essa relação com a natureza dentro de casa, só fez a saúde mental e física da família melhorar.

Outro fator que causa desânimo para quem almeja consumir os alimentos é o preço. A frase “orgânico é mais caro” é constantemente ouvida pelas feiras espalhadas pela cidade. A explicação, segundo a produtora Luana Callipo, vem de muitas razões. Dentre elas, custos elevados de produção, limitação de demanda do produto e o excesso de zelo por unidade de produção, tanto na plantação, quanto no manuseio e na pós-colheita. Mas Luana adverte: “Isso não é uma desculpa! Não só eu, mas muitos outros produtores vivem fazendo promoções aqui e outra ali. Quem puder consumir, o mínimo necessário, já está de bom tamanho. Não é por que você come um alimento bom que você é bicho do mato, as pessoas tem que deixar essa besteira de lado”.

Não só instrumento de subsistência, o orgânico também é amor em Arapeí

Um longo caminho separa a cidade de São Paulo da cidade de Arapeí, porém, ambas as cidades fazem parte dessa história. Ambas tem igual importância na jornada de Dona Ondina Ferreira Nicolino Ramos, a grande personagem dessa história.

Sábado, 21 de outubro de 2017. Às 9h da manhã na pequena e quente Arapeí, Ondina Ferreira Nicolino Ramos está a todo vapor. Desde muito cedo naquele dia ela estava de pé, cuidando de sua produção. Sua rotina é muito corrida e apesar de seus 75 anos ela não para um só minuto. O pé enfaixado que, conseqüentemente a deixa manquitola, parece não atrapalhar a disposta senhora.

— Eu torci o pé, “fio”. Mas logo eu vou tirar esse trem que me atrapalha – disse ela fazendo uma expressão de dor.

—Sempre esqueço desse maldito pé e todo dia de manhã eu apoio ele na hora de levantar.

O pé enfaixado é resultado de uma pequena estripulia de “Dona Ondina”, como é conhecida por todos. Com o intuito de fazer um enxerto de Orquídea em uma de suas árvores e a falta de paciência para esperar seu filho Roberto, que estava na horta, ela se aventurou, subiu na árvore, fez o enxerto, mas na hora de descer, acabou por torcer o tornozelo direito.

—Ela é muito impaciente, entendeu? — argumenta Roberto

—Eu falei para ela esperar. Mas é teimosa, quando cheguei em casa, estava com o tornozelo deste tamanho — disse sinalizando um círculo com as mãos entreabertas.

Dona Ondina é uma grande apaixonada pela natureza, desde pequena. Mesmo depois de morar em São Paulo por bastante tempo, ela não resiste ficar longe de suas flores, de seu galinheiro e de sua horta. Ela garante que Arapeí é o melhor lugar para ela ficar. A pequena cidade, fica há aproximadamente 300 quilômetros da capital do estado. Lá que ela nasceu, se casou e teve 4 filhos. E lá também que, muitos anos mais tarde, ela se tornou uma das mais queridas produtora orgânica da região. Conhecida por todos na cidade, Dona Ondina está se tornando uma das produtoras mais importantes da pequena cidade.

—Quando eu comecei não tinha essa história de orgânico não, “fio”. — disse Dona Ondina.

—Eu só fui começar a cuidar dessa terra aqui depois que meu marido morreu, em 2006. Antes eu morava em São Paulo. — completou ela.

Foi depois da morte de Seu Ramos que ela resolveu morar em Arapeí, no terreno que seus pais haviam deixado de herança. Mas somente em 2009 que ela começou a vender os ovos que suas mais de 100 galinhas botavam e começou a sua horta, outrora para uso comum, agora para garantir um alimento saudável para todos.

— Eu não preciso de dinheiro. Já ganho aposentadoria e a pensão do meu marido. Eu comecei a vender meus pé de alface depois que eu vi essa sem-vergonhice que os donos dessas empresas de alimento fazem. — afirma a senhora, a essa altura, passando um café.

A produção da Dona Ondina aumentou muito nos últimos anos. Para conseguir esse feito, ela trabalha muito duro. Seu filho, Roberto fica com a parte mais pesada, de plantio, irrigação e colheita, enquanto ela, cuida das galinhas, dos ovos e das frutas, essas, apenas para consumo pessoal.

A rotina dessa senhora começa às quatro e meia da manhã. Ela levanta, passa um café e corre pro galinheiro para pegar os ovos e alimentar seus bichinhos (galinhas, patos e gansos). Dentro do enorme galinheiro ela tem um sistema e separa as galinhas que vão chocar os ovos para gerar pintinhos e as galinhas que vão ter seus ovos destinados ao consumo humano. Na manhã de domingo, ela retirou sessenta e cinco ovos, número que ficou na média de ovos retirados no chamado período de postura, quando a galinha põe ovos.

—Tem galinha que põe treze a quatorze ovos, um por dia. Mas tem umas danada que põe uns vinte. Daí a gente faz até festa. — brincou ela.

Para os ovos das galinhas absorverem muitos nutrientes, é necessário criar os animais sem deixa-los estressados. Para tal, eles devem viver com muito espaço para ciscar, rolar, dormir e claro, copular. Segundo estudos, os ovos de uma galinha orgânica, criada com bastante espaço e liberdade possuem o dobro de vitamina E, e cerca de quarenta por cento a mais de vitamina A do que ovos de galinhas criadas em granjas.

—Quando a galinha vive assim, tranquila, ela põe uns ovos bonitos, saudáveis! Não igual essas coisas que o povo vende por aí no mercado não.

No galinheiro também é importante controlar o número de galinhas, frangos e galos, pois se existir o desequilíbrio, as aves podem começar a se reproduzir com menos frequência. Dona Ondina, que se tornou uma especialista no assunto confirma essa tese.

—Quando tem muito galo no galinheiro, as galinhas param de reproduzir, pq muito galo começa a “funhunhá” com ela. — disse às gargalhadas.

—O máximo é dez galinhas para cada galo. Mais que isso já começa a dar problema.

Alguns metros dali, um pouco afastado desse diálogo, está Roberto. No grande espaço destinado para a horta ele trata as mudas com muito carinho e respeito. São mais de 10 produtos orgânicos produzidos ali. São vegetais como alface, couve, canoura, batata, além dos temperos. E o homem, que aparenta ter seus 45 anos cuida deles um a um, com muito cuidado.

—Não, tenho 54. — respondeu ele, sorrindo.

—Eu vim morar com minha mãe faz mais ou menos dois anos. Antes trabalhava como mecânico em Itanhaém, mas não deu muito certo, e vim fazer companhia pra ela. Aproveito e fico de olho, porque ela quer fazer tudo sozinha, e dá nisso aí — diz apontando para o pé enfaixado da mãe.

Dona Ondina dá risada do que Roberto disse e dá de ombros. Além do filho mais velho, ela conta com ajuda de uma sobrinha, Regina. Quando precisa ir para São Paulo, fazer exames, confia o cuidado das galinhas somente à sobrinha. Mas nunca fica longe por muito tempo.

—Eu sinto que quando eu saio, minhas meninas ficam até tristes — fala sobre as galinhas

—Daí, “fio”, quando eu volto é só alegria, elas ficam mais felizes e dão até mais ovo!

A horta fica no terreno de Dona Ondina, mas já virou da cidade. Várias pessoas passam o dia indo e vindo, para pegar couve, batata, alface, salsinha, cheiro verde, tomates e cebolas. Os moradores garantem que os produtos da horta são melhores do que os de qualquer supermercados, e mais baratos também. Marli, vizinha da Dona Ondina e “comadre” dela também ajuda, e faz as vezes de caixa quando necessário.

—É tudo “baratin”. De vez em quando, pro pessoal da cidade mesmo, ela até manda pegar sem pagar. Mas o preço é 1 real por unidade. A gente abastece um ou outro mercadinho da região. Daí sim vem um pouco mais de dinheiro pra manter tudo. — disse a comadre Marli.

Para cuidar da horta, Dona Ondina mandou montar um sistema de irrigação 100% sustentável. Para fazer esse sistema, ela contou com a ajuda de um engenheiro agrônomo. Para dar certo, em cada ponto de irrigação recebeu uma engenhosa garrafa PET furada ligada a mangueira de PVC (Policloreto de Vinila) flexível de 5 milímetros. Com esse sistema, ela gasta pouco e não agride o meio ambiente.

Essa presente característica da sustentabilidade usada pela Dona Ondina em sua horta lembra algumas das práticas da permacultura, principalmente pelo foco da questão abordada por David Holmgren e Bill Mollison, ou seja, a não agressão a natureza e o respeito na relação homem x natureza com o que é produzido.

Apesar de toda a sua produção, Dona Ondina não faz parte e nem mesmo já ouviu falar em permacultura. Segundo ela, o que move seus instintos a produzir alimentos naturais é simplesmente o amor pelas coisas naturais. Quando questionada sobre a permacultura a sorridente senhora se mostra espantada por não saber do que se trata.

—Eu não sei o que é isso não, “fio”.

— Diz ela com cara de espanto. — Eu não conheço essas modernidade de vocês aí não.

Mesmo tendo mais acesso a informação, Roberto não conhece o termo em sua totalidade, mas é muito mais informado acerca da agricultura orgânica em si, onde os dados levam a crer que o faturamento de pequenos agricultores, como Dona Ondina, movimente cerca de três bilhões de reais somente em 2017.

—Esse é o futuro! — exclama ele.

—Todos os países ricos do mundo, que sofrem sem terra boa pra agricultura orientam as pessoas a fazerem a horta em casa, com carinho, sem veneno, entendeu? Hoje nós somos tendência! Tudo o que você vier comer aqui em casa vai ser gostoso.

Arapeí é um lugar muito tranquilo e pacato. Mas existe uma característica da cidade que é, por vezes, prejudicial ao agricultor. A cidade é muito quente e tem clima muito seco. Alguns estudos apontam que o principal fator para o desenvolvimento de uma horta orgânica é a presença do sol. Pois a hortaliça ou tubérculo que irá ser plantado precisa de ao menos 8 horas de sol por dia. Outro fator importante é a água, que é essencial pra o crescimento saudável do alimento. Roberto também tem uma outra preocupação. A maneira de adubar e intercalar o plantio.

—Para adubar, a gente usa uma compostagem que fica por ali. — disse apontando para o lado direito. No canto, uma espécie de canteiro longo e fundo estava.

Esse adubo é produzido por uma mistura de terra onde vivem milhares de minhocas. Um popular minhocário. Nele, alguns restos de alimento e vegetais são jogados e, devido a presença das minhocas, a ação de microrganismos ocorre com maior rapidez, criando um excelente e poderoso adubo natural chamado de húmus.

— A gente aplica o adubo uma vez por mês, pra terra não cansar, né? — explica.

— As vezes é até de 40 em 40 dias. Depende da situação do solo. E de quando a gente faz a troca da posição do plantio, né?

A posição do plantio é muito importante para o trato com o solo e a relação com a natureza. O indicado é que produtores orgânicos dividam a terra em quadras de plantio e que a cada colheita, replantem diferentes hortaliças em diferentes lugares, levando assim uma saúde maior para a terra, deixando-a fértil. Como explica Roberto.

—O nosso sistema é bem simples. A gente faz um rotação, entendeu? Sempre seguindo o mesmo ciclo, assim toda a área de plantio fica saudável.

Apesar da boa adubação e do extremo cuidado que Roberto e Dona Ondina tem com sua horta, uma das maiores dificuldades que eles passaram foi no chamado controle biológico, que é quando os insetos e pragas passam a conviver com as hortaliças sem prejudicar a formação da horta. Esse é um problema muito grande entre produtores orgânicos, uma vez que eles são se utilizam de venenos para controles de pragas.

—O mais difícil é conviver com essa dificuldade que o orgânico tem né?! — exclamou, Roberto.

—No início tem muita praga, muito bicho, insetos. E você acaba perdendo muita coisa. Mas a mãe natureza sabe o que faz, entendeu. Depois de um tempo, ela vai contornando tudo né, mãe?

—Com certeza, Roberto. O meu segredo, “fio”, é conversar bastante com as plantinha. Elas sempre me ouve.

A filha de Dona Ondina, Sueli, sempre vem da cidade de São Paulo para ajudar a mãe, e aproveita para fazer as compras do mês. A vantagem maior é o preço, já que comidas orgânicas na capital são mais caras.

— Adorei o que ela criou aqui. A gente sabe exatamente a procedência do produto, e cada quilo é bem mais barato do que seria em São Paulo. Além dos vegetais, nós também pegamos os ovos. E esses, ela nem cobra, já que é só pra ela, sabe? — declara Sueli.

A outra filha, Sandra, está muito orgulhosa do que a mãe criou na comunidade. Afinal, quando começaram eram só umas mudas de algumas plantas que ela roubava em viagens, aqui e ali. O que mais espanta a todos é que dessa pequena atividade inocente, ela tenha se tornado uma mulher responsável pela boa alimentação de uma cidade inteira.

—A gente sabe o quanto ela gosta das plantas dela. Quando ela está lá na minha casa, não consegue ficar sem falar nas galinhas e na horta por um segundo, sempre muito preocupada. — conta Sandra.

— Pra gente, que é filho, é muito bom ver a mãe tão cheia de energia e engajada com seu próprio projeto. Ela é incrível! Não tenho nada pra falar da minha mãe, a não ser que eu me orgulho muito de poder

estar com ela e ver como ela é feliz assim.

Todo mês de outubro, aniversário da Dona Ondina, a cidade fica em polvorosa. A grande festa de aniversário da senhora é sempre um evento na cidade. Quem não é convidado fica do lado de fora, esperando uma chance de ser convidado. Além disso, todos os comes são produzidos com as colheitas da horta. Quando jovem, a mãe de Dona Ondina nunca deixava os filhos irem a festas, por isso, todo ano, eles fazem uma grande festa para comemorar o aniversário da irmã caçula.

Esse ano, o tema foi anos 60. Todo mundo foi vestido à caráter. O prato principal é Caldo Verde feito com couve especialmente da horta. Poucas horas antes, viam os filhos da Dona Ondina correndo para lá e para cá, tentando organizar tudo. E onde estava a aniversariante? Conversando com suas galinhas. Preocupada com o pintinho do pescoço torto, que não consegue comer e está sendo hostilizado pelas outras galinhas.

—É “fio” tive que isolar ele das outras galinhas. ‘Tõ achando estranho, mas agora que ele tá sozinho, até consegue comer a ração — diz ela, observando o animal com olhar preocupado.

—Ele fica bicando tudo errado, o “pesçoçim” dele vira ao contrário e ele nem comendo direito tá!

—Tá comendo sim, tia! — exclama Regina.

—De bobo ele não tem nada, ele é malandro, isso sim. Só toma água fresca no potinho dele. Coloquei outro ali e o danado nem mexeu. — completou

—Acho que vou ter que matar uns galos, sabe? Eles começam a roubar as galinhas um do outro. Tadinhas. Ou eu vou dar pra alguém. Muito galo da trabalho. — refletiu Ondina.

Quando não está na horta ou com as galinhas, encontramos Dona Ondina cuidando de suas orquídeas. Seu segundo grande xodó. Diversas espécies de orquídeas enfeitam as árvores e os vasos da senhora. O sonho dela era ter mais e mais, e talvez começar um orquidário próprio.

—Ah, sabe, “fio”, eu gosto tanto das flores. Queria ter mais dinheiro pra poder comprar mais terrinha pra poder ter um jardim gigante. Ano que vem acho que vou montar uma piscina e churrasqueira aqui em casa. Mas queria mesmo era mais espaço para minhas flores. — declara ela, com um olhar distante.

As orquídeas, que como sabemos, foram responsáveis pela torção no tornozelo de Dona Ondina, foram o início de toda essa história. Para qualquer um que se pergunta sobre as orquídeas dessa senhora, a resposta é sempre a mesma: “São as mais lindas da cidade”. Ela brinca com a situação, mas não esconde o orgulho e a admiração pelas suas flores.

—Ah, elas são o meu xodó! — brinca ela.

—Quando eu era casada, meu marido não me deixava ter minhas orquídeas. Dizia que dava muito trabalho. Pois quando ele morreu eu corri pra cá pra plantar essa coisa mais linda que Deus fez!

O dia-a-dia na produção de Dona Ondina não é nada fácil. Para ela e seu filho, o galo canta cedo. 4 horas da manhã e ela já está se levantando. Antes mesmo de passar o seu cafezinho de toda manhã a senhora já caminha direto para o galinheiro. Lá, local em que mais aparece exercer uma espécie de terapia naquela senhora, ele não perde tempo. Faz questão de dar bom dia para todas as galinhas, galos, pintinhos, frangos e até os patos que, intrusos, sobem do rio que passa atrás da casa dela para comer com as galinhas e mesmo assim são tratados com amor, respeito e muito carinho. O cesta com ovos pesa e por isso existem no meio daquele grande galinheiro diversos ganchos pendurados nas árvores, mais uma das adaptações de seu filho Roberto para facilitar o trabalho da senhora. Adaptações aliás, estão em todos os lugares. Antes mesmo do sol se por, não muito longe dali Roberto chega até a horta e começa sua batalha cruel, porém leal e justa para garantir que nada destrua a plantação. Tudo tem que ser natural e nada pode destruir a horta. É uma batalha difícil, mais fácil seria usar um pesticida, mas a consciência não permite fazer isso com o alimento. A batalha desses dois guerreiros é longa, cansativa, mas o resultado é extremamente favorável. Ao final do longo, cansativo e produtivo dia, com o silêncio da mata como testemunha e com os olhos marejados pelas lágrimas que logo menos caíam, Dona Ondina parece refletir e chega a conclusão que esse dia a ajudou a perceber o significado do trabalho que ela desenvolve com seu filho.

—Olha, meu filho — disse a senhora emocionada.

—Isso aqui pra mim é uma alegria. Toda vez que eu venho pra minha horta, pro meu mato, pras minha galinha, toda vez eu fico feliz. Quando eu chego nesse interior eu respiro diferente. Esse mato é minha vida.

—Eu vim daqui, e aqui eu vou ficar até por toda minha vida — suspirou

Ao lado da mãe, o filho Roberto até tenta, mas não esconde a emoção pelas palavras que acabara de ouvir. Depois de balbuciar, Roberto consegue enfim traduzir o significado do trabalho que realiza com sua mãe.

—Se eu soubesse da importância que isso tudo tem pra ela e pra tanta gente, eu estaria aqui mais tempo, entendeu? — disse ele.

—Isso que minha veia faz é muito bonito, entendeu? E viver em harmonia com tudo isso, cara. Cara, é, não tem preço. Eu troco qualquer coisa para viver assim pra sempre... — completou Roberto dando um

abraço, seguido de dois belos sorrisos em sua mãe.

Toda essa energia dessa senhora contagia seus filhos, amigos, parentes e vizinhos. Basta perguntar a qualquer um na cidade que todos conhecem a mãezona Ondina. A mulher responsável pela boa alimentação de centenas de pessoas, a grande mulher responsável pela maior horta orgânica da pequena, porém acolhedora, Arapeí.

Capítulo VI
Permacultura na Periferia

A Periferia em tons mais verdes

Eles já não são mais meros espectadores, hoje eles participam e fazem acontecer

Do lado de dentro o chão é verde, do lado de fora ele é cinza. Do lado de dentro alimentos sem agrotóxicos, do lado fora o veneno está na mesa. Do lado de dentro mulheres, homens e crianças pisam a COB. Do lado de fora as pessoas são pisadas por suas rotinas. Do lado de dentro pessoas constroem o forno feito da COB. Do lado de fora pessoas são assadas dentro dos ônibus na volta para a casa. Do lado de dentro pessoas constroem com areia, terra e palha. Do lado de fora pessoas constroem com cimento, areia e tijolo. Do lado de dentro tem bioconstrutores. Do lado de fora tem pedreiros. Enquanto isso, eu vejo as pessoas do lado de dentro e do lado fora plantando e construindo juntas. Os muros da Casa de Cultura Candearte foram feitos para juntar e não separar; a permacultura da periferia. O morador da favela se tornou permacultor.

Como a permacultura chegou ao bairro Parque Marabá, no Taboão da Serra? Isso pode ser contado através de pessoas que transformaram ideias em coletivos e construíram espaços de cultura popular com os princípios da permacultura, com o objetivo de transformar a periferia em um lugar de moradores conscientes sobre as práticas ecológicas e a relação com a natureza, munidos de senso crítico. “Devemos mostrar que as pequenas atitudes dentro de casa fazem a diferença. Captação e tratamento da água, pequenas hortas são início de uma nova rotina. A periferia necessita da permacultura, pois os moradores precisam reduzir os gastos e as doenças. Vejo que as pessoas daqui estão cada vez mais doentes”, comenta Jadson Ramos, ativista da Rede Permaperífa.

Com uma história de luta desde 2004, a cooperativa Eparreh (Estudo de Práticas Agrícolas de Reencantamento Humano) trouxe em São Paulo pela primeira vez a ideia de trazer a permacultura para a periferia. O movimento era um grupo de estudos feito por alunos da USP, com a função de discutir sobre os transgênicos, mas logo depois, os estudantes passaram a ser ativistas. Escolas públicas do Embú das Artes receberam os integrantes do Eparreh para fazerem hortas, a partir disso começa a relação periferia e permacultura. A iniciativa resultou na construção de 17 hortas comunitárias nas periferias de São Paulo, no período de 2004 até 2012.

A cooperativa Eparreh havia encerrado suas atividades em 20012, mas voltou aos trabalhos em 2017 e continua agindo com os coletivos da permacultura na periferia. Consultado sobre a volta do grupo, um de seus fundadores, Lucas Ciola, explica o motivo do retorno. “Essa volta ocorreu através do pedido de uma juventude que se formou através do nosso trabalho realizado durante oito anos. Eles começaram a

me pilhar para retornar e eu aceitei que voltássemos em forma de cooperativa. As pessoas que trabalham com permacultura, não querem participar no mercado de trabalho formal e sim cuidando da terra. Logo depois novos e antigos integrantes se reuniram a cada mês para discutir metodologias e logo em seguida fizemos um blog para colocar o portfolio de cada um e divulgar oficinas que realizamos. A ideia é continuar multiplicando a nossa metodologia e criar um modo de trabalhar e viver com isso.”

Os integrantes da cooperativa protestam contra o mercado convencional, por ser caótico e expor os funcionários com produtos perigosos, quando se trata da agropecuária. Criar um ambiente em que trabalho, lazer e aprendizado, resgatando a cultura indígena, assim os participantes desse grupo pretendem trabalhar.

A partir de 2012, novos ativistas que moravam na periferia foram cativados e influenciados para participar de trabalhos da permacultura, com a ajuda da cooperativa Eparreh e da banda Zafenate, que possui pautas que tratam sobre ecologia e favela nas letras de suas músicas, misturando reggae e rap. Seu som incentivou os ouvidos mais aguçados. Voluntários passaram a construir hortas, montando novos coletivos, principalmente nas regiões que fazem divisa entre os municípios de Embú das Artes, Taboão da Serra e São Paulo. Aqueles garotos que assistiam aos shows da Zafenate cresceram e passaram a construir hortas e montar grupos que tratam da permacultura. A partir disso vemos moradores da periferia aplicando a permacultura por iniciativa própria.

A partir de 2012 novos coletivos se formaram e se reuniram nas periferias da grande São Paulo, surgindo a Rede Permaperifa, com um número de 30 coletivos que também tratam da permacultura, contendo três núcleos que foram os percursos da jornada, Art Horta, Irmãos Guerreiros e Horta Di Gueto. “Queremos resgatar os conhecimentos tradicionais, populares que fazem parte da rotina dos moradores da periferia, para aplicar na permacultura. Cada um possui uma experiência de vida que pode ser aplicado nos nossos métodos de trabalho, isso está de acordo com a metodologia de Paulo Freire”, conta um dos fundadores da Rede Permaperifa, Lucas Ciola e do Eparreh.

E os muros cada Casa de Cultura Candearte, como foram construídos? Por que eles uniram a permacultura à periferia? Esse espaço foi o resultado da união estável da cultura popular do povo da periferia, com as ideias da relação ser humano e natureza da permacultura. A Casa de Cultura Candearte tem uma história à parte antes de falarmos sobre a permacultura. A contribuição ocorreu por causa de Geraldo Majela e sua casa, um homem que viveu para a cultura, unindo aquilo que ele mais gostava junto ao seu lar. Majela promovia oficinas sobre musica e arte dentro de sua moradia. “Depois eu vi que tinha um terreno abandonado e eu comecei a fazer algumas oficinas por lá. Pouco tempo depois eu pedi ao dono que me cedesse o espaço, pois ele não utilizava, para a minha surpresa, o homem concordou,” recorda Geraldo Majela, fundador da Casa de Cultura Candearte. Como o terreno estava abandonado, o espaço precisou de alguns reparos, eis

que os integrantes do coletivo Horta di Gueto se ofereceram para reformar o local, com uma condição, que a reforma fosse feita a partir dos princípios da permacultura. Dessa maneira surge um espaço de cultura popular e permacultura, ao som da cocada (estilo musical africano, que contém uma roda com diversos instrumentos musicais e dançarinos ao centro).

Técnicas da construção civil que são obtidas por moradores da periferia são usadas para ajudar na reforma da Casa de Cultura Candearte, usando os princípios da permacultura, unindo as pessoas que estão lá fora com aquelas que estão lá dentro e trazer uma conscientização sobre a natureza e sua função, sabendo dos prejuízos causados por indústrias de alimentos, energia e saneamento. Um bom exemplo disso é um morador do Parque Marabá que conheceu a permacultura através da Casa de Cultura Candearte e hoje aplica esse conhecimento na culinária. “Através da permacultura eu aprendi sobre as PANCs (Plantas Alimentícias não Convencionais), e hoje as utilizo na culinária”, diz Wesley Alves participante do coletivo Horta Di Gueto.

As folhas que são varridas na calçada ou os matos que nascem no asfalto e são pisados, podem ser comestíveis. Existem plantas que são ignoradas por grande parte da população e são classificadas como “sujeira”, mas se engana quem não dá a elas o seu devido valor, pois elas são usadas na culinária. Existem milhares de espécies de PANCs e nelas podemos encontrar nutrientes que ricos em sais minerais e vitaminas. Um grande exemplo é a Ora-pro-Nóbis, que tem suas folhas usadas em receitas de saladas, sopas, refogadas e em outras variações alimentícias. Nos parques e nos locais públicos uma variedade de plantas comestíveis podem ser encontradas.

Dentro de um espaço práticas são aplicadas de acordo com princípio da permacultura, cada elemento se entrelaça em harmonia: água, planta ou a terra são os principais. Cada horta tinha uma função, a plantação de alimentos que são usados no cotidiano era maior, algumas estavam em um canteiro em espiral, em quatro lados, para receber fontes variáveis de energia através do posicionamento do sol. Bambus eram utilizados em volta das plantas para equilibrar o vento. Ervas medicinais estavam ao lado, sendo uma alternativa à indústria farmacêutica. As PANCs estavam num canto isolado do lado direito do quintal, para serem mostradas e explicadas sobre sua funcionalidade. Quem me acompanhava para eu entender um pouco melhor sobre a função de cada planta foi o integrante do coletivo Horta Di Gueto, Santiago Quil, no qual está há sete anos. Ele também me explicou como é feita a COB, citada no início da reportagem. “É uma massa é composta pela mistura de palha, areia e terra, que logo em seguida vai ao fogo e fica guardada durante um mês até secar. Pode ser utilizada em construção de casas e foi usada para fazer o nosso forno”.

Santiago Silva adquiriu muito conhecimento sobre a permacultura nos últimos dois anos, foi então que ele me contou parte de sua história. “Eu estudava engenharia elétrica e não gostei, vi que não me encaixava

com nada daquilo. No mesmo período eu comecei a estudar sobre a funcionalidade dos alimentos e seus nutrientes. Então eu conheci o Lucas Ciola e entrei para o Horta Di Gueto”.

Santiago também deu o seu recado sobre a indústria dos alimentos. “Sabia que o CEASA estipula os preços dos alimentos e controlam sua distribuição? A alimentação é uma necessidade básica e não pode ser controlada por indústrias e sim pelo povo. Os latifundiários são os grandes vilões nessa história”.

“Há uma grande diferença entre Agronomia e Agroecologia. A primeira pensa nas plantações e cultivos dos alimentos como um negócio, com a relação patrão e empregado. A segunda pensa nas técnicas usadas mais as relações humanas, na qual todos se ajudam, sem hierarquia”, afirmou Lucas Ciola.

Segundo censo do IBGE, realizado em 2010, mais de 11 milhões de pessoas moram em favelas no Brasil, equivalendo a 6% da população brasileira. Esse número é maior do que a população total de países como Portugal e Uruguai. Em São Paulo um pouco mais de 2 milhões de pessoas vivem na periferia, sendo equivalente a 10% da população paulistana. Essa parcela demonstrada pode fazer a diferença na mudança de paradigmas em relação ao meio ambiente.

O poeta que faz poesia com terra e plantas

Um homem que nasceu e viveu na periferia andou pela vida comum repleta de prédios para perceber que o caminho da felicidade estava no chão de terra

Cercado por prédios cinza, o verde está ali acompanhado do marrom. Cercadas por grades, as plantas querem ultrapassar essas fronteiras e se expandir para todo o resto e dar um tom mais verde. Cercadas por interesses comerciais das indústrias, as plantações em chão macio querem confrontar o asfalto duro. Cercado pelo estresse, o ambiente permacultural é um pedacinho de paz e tranquilidade. Cercada pela selva de pedra, a selva verdadeira não nega as origens. Às margens do centro comercial, a periferia tem um pedacinho do verde, mas esta cercada pelo centro. Enquanto isso, moradores da periferia estão plantando suas sementes e criando raízes, pretendendo se libertar das cercas e dessa forma a periferia vai começar a cercar o cotidiano dos grandes centros urbanos. Quando se trata de permacultura, a periferia é centro, quando se trata de rotinas capitalistas, a periferia é periférica. Comendo pelas beiradas, um homem com nome de poeta, faz poesia quando a arte é plantar ambiente sustentável. Enquanto isso, eu fico aqui no meu canto apenas observando.

Vinicius de Moraes. O nome é de poeta, mas o apelido é Elfo, logo explicarei o motivo. Vindo da extrema zona leste de São Paulo, no Itaim Paulista, ele teve seu primeiro contato com a vida do campo na infância, apesar do bairro estar em área urbana, tinha algumas chácaras e seu pai tinha alguns cavalos. A família se tornou um ponto de partida para a introdução de Vinicius com a natureza, sua avó lhe contava histórias indígenas, obtinha hortas e tinha um bom e velho fogão à lenha, além de fazer partos ao modo natural. Ele contava isso enquanto estava com as pernas cruzadas como se fosse um índio, em cima de um banco branco, enquanto um cara barbudo que estava à sua frente anotava tudo. De vez em quando duas mulheres interagiam, elas estavam trabalhando na cozinha, Um rapaz de cabelos longos e tímido passava de vez em quando entre a conversa. Ao lado de Vinicius e do barbudo, um homem alto e com seus cabelos amarrados estava observando, fazendo algumas intervenções em determinados momentos. Ele é mais conhecido como índio branco.

Com olhos pretos grudados em seus olhos, ele tem cabelos são grandes e sua estatura é baixa, esse é o motivo de ser chamado de Elfo. Com aparência de um homem que largou a vida comum de um simples contador para se tornar um permacultor em contato com a natureza, mas não se apresse! Eu vou dizer como isso aconteceu. Como toda boa história precisa de uma aventura amorosa, Vinicius foi viver a sua e se casou. Mudou-se para Ribeirão Preto, interior de São Paulo, onde passou dez anos, mas seu casamento

durou apenas quatro. Nos outros seis anos seguintes e já separado de sua ex-esposa, Vinicius foi ter sua verdadeira paixão, na qual ele está até hoje.

A cidade de Ribeirão Preto não ensinou o que seria uma vida no campo, isso Vinicius já sabia, mas ele aprendeu no interior o que é ser um ativista. Geralmente a cidade grande ensina a ser um ativista e o interior mostra o modo de vida no campo, mas nesse caso, as coisas se inverteram, contrariando os estereótipos. Ele deixou a vida de contador, vendeu seu carro, deixou o cabelo crescer e passou a andar de bicicleta. Após essas mudanças, ao estilo beatnik sustentável, ele pegou seu veículo sobre duas rodas e encontrou o grupo MTS (Movimento dos Sem Terra) e começou a participar, mesmo sem nenhuma amizade antes dessa sua aventura. Começou a trabalhar de garçom, ao mesmo tempo em que participava do coletivo. Dinheiro ele poderia ter, mas a felicidade não seria garantida, Vinicius não era feliz com seu antigo trabalho e com a vida que levava.

Quando se é um ativista, muitas pessoas pensam que você será agarrado pelo polícia, dessa vez esse estereotipo aconteceu. Vinicius fez parte de um coletivo chamado Ovos Mexidos, que tinha como função elaborar piqueniques, passeios de bicicletas e apresentação de filmes com debates. Quando estava na ONG Estação Luz, ele participou de um painel (diferente do painel feito pela elite), que tinha como prática a ocupação da Câmara dos Vereadores de Ribeirão Preto, se opondo aos abusos, aumentos de salários para os políticos da cidade e pela saída do presidente da Câmara em exercício na época, Cícero Gomes. Policiais exigiram a saída dos manifestantes, algo que não foi cumprido, foi então que Vinicius foi pego por policiais após "desobediência". O que não era de se esperar, que ele fosse fotografado pela imprensa e saísse na capa de um jornal. Vinicius conta a história com um sorriso, achando muito engraçado o seu relato, enquanto o rapaz barbudo anota tudo, acho que deve ser um jornalista.

A mesma família que o ensinou muitas coisas, acabou precisando dele. O pai de Vinicius estava doente e precisava que ele retornasse para São Paulo, o local onde nasceu, Itaim Paulista. Vinicius também precisava ficar mais próximo de seu filho mais velho, ambos se sentiam afastados, realmente era necessário que ele retornasse. Uma senhora oferece um suco verde em um copo de vidro transparente para o rapaz barbudo e ele aceita. A senhora lhe oferece açúcar, mas ele rejeita e diz tomar até café sem açúcar. O barbudo toma o primeiro gole e dá uma leve careta despertando risos do índio branco.

Apesar de ter saído de Ribeirão Preto, Vinicius criou amizades e raízes que possibilitaram a sua volta para São Paulo já com uma possível participação em um coletivo. Hermes de Souza era um conhecido que precisava de um coordenador para o projeto do Ponto de Cultura Quebrada Sustentável, logo depois Vinicius apresentou seu portfolio e foi aceito. Esse encontro entre homem e periferia passa a ser mais envolvente com a permacultura.

Em 2010, moradores do bairro Vila Nova União, também na zona leste de São Paulo, pressionaram a prefeitura para que tivesse um espaço em que pudessem plantar e criar um ambiente com práticas sustentáveis. Ambos moravam em prédios cedidos pelo CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) e foi entre as grandes moradias de concreto, que criaram um local com planta e terra. O projeto do Quebrada Sustentável surge quatro anos depois e Vinicius foi escolhido para coordenar. No início, o objetivo era de passar a educação ambiental para crianças e adolescentes dentro de um viveiro, mas Vinicius propôs a Hermes que o Quebrada Sustentável fosse além e que o espaço os princípios da permacultura. O programa recebia um incentivo financeiro do Funcad (Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente), que ocorreu até 2015, essa verba era usada para lanches durante as oficinas e projetos de ensino. Um ano depois a Secretaria do Trabalho passou a dar uma bolsa para o incentivo da plantação de hortas dentro do viveiro, com a chegada do prefeito João Doria, o dinheiro foi cortado. Hoje o local recebe aulas de yoga, oficina para visitantes e alunos de escolas públicas que também ajudam a plantar e construir, algumas vezes são feitos saraus. Vinicius tem como coordenador a meta de buscar rendas, com trocas de materiais e vendas de produtos, usando a economia solidaria. Cestas básicas são fornecidas pelo Instituto NUA (Nova União da Arte), grupo feito para o desenvolvimento da região. Sei que essa história burocrática, é um pouco chata, até mesmo para as plantas, tanta que ela foi contada de maneira mais séria.

Com a verba do FUMCAD, crianças e adolescentes iam quase todos os dias da semana para o viveiro do bairro, mas hoje aparecem com menos frequência, em média de uma vez por mês. Vinicius conta que a parceria trouxe alguns frutos, principalmente sobre educação alimentar. Os jovens tiveram informação sobre alguns alimentos que não faziam bem para o organismo, como por exemplo, os hambúrgueres das redes de fastfood. Eles trocaram a velha comida por suco verde, pão integral e passaram a plantar. Os moradores do bairro que não estavam envolvidos em práticas sustentáveis passaram a ver o espaço do Quebrada Sustentável como um exemplo e começaram a plantar nos terrenos de suas casas. É observável que a região ficou mais verde, apesar do cinza à sua volta.

A força do bairro é percebível quando se precisa de força tarefa para cuidar do espaço do Quebrada Sustentável. Em alguns trabalhos mais pesados, os moradores ajudam, principalmente quando se trata de plantar árvores e limpar a nascente do rio que fica próximo ao local, alguns já doaram areia. Um ponto de otimismo para Vinicius, ele conta esse fato com um sorriso tímido no rosto, querendo acreditar que as coisas podem melhorar.

Dentro do ideal de permacultura o lucro não é o objetivo, mas em um ambiente capitalista, Vinicius precisa de uma fonte de renda para o seu sustento, por isso ele trabalha em um projeto do Instituto NUA, intitulado de “Se essa rua fosse minha”. Esse trabalho promove incentivar que crianças brinquem mais

na rua, sem o grande envolvimento com a tecnologia, educadores acompanham as crianças e ensinam brincadeiras e músicas, trabalhando a imaginação, como nos velhos tempos. Vinicius brinca que um bebê de dois anos já sabe desbloquear um celular, algo que ele mesmo fez instantes depois para olhar o horário. A conversa estaria se encerrando e o rapaz barbudo finalmente iria embora?

Antes de sair o barbudo fez mais perguntas e conhece um pouco mais sobre as demais pessoas que estavam no local. A senhora que estava servindo suco verde em instantes atrás se chama Vilma e sua companheira de trabalho se chama Conceição, mas é chamado de vizinha por seus colegas. No Quebrada Sustentável ainda tem mais três pessoas que frequentam o terreno cotidianamente. O rapaz tímido de cabelos longos se chama David e o índio branco se chama Marius. As duas mulheres moram no bairro e ajudam no projeto fazendo comida e mantendo o local limpo, pois no centro do terreno tem uma cozinha e uma cobertura. É mais difícil de saber sobre o David, pois Vinicius não comentou muito, mas ele ajuda no projeto com plantações e construções. Marius ou índio branco vem uma vez por semana, já costumado com a periferia, ele mora no bairro Jardim Celeste desde 2005, ele é nascido nos Estados Unidos na cidade de Portland em Oregon e não gosta do fato de ser norte-americano, por motivos óbvios.

Após a apresentação dos demais integrantes do Quebrada Sustentável, Vinicius responde as demais perguntas que o jornalista lhe fez. Ao desenrolar da conversa foi esclarecido que esse projeto está ligado à Rede Permaperifa, que é o núcleo de encontro de diversos coletivos da permacultura que agem na periferia. O rapaz barbudo comentara que já havia feito uma matéria sobre o Permaperifa e que conheceu integrantes de outros coletivos, agora tenho certeza que se trata de um jornalista. Vinicius comenta que os integrantes do Quebrada Sustentável participam de alguns encontros na medida do possível. Vinicius também comenta que muitos grupos possuem divergências sobre como tratar a terra, como fazer ativismo político e como trabalhar em grupo. Os princípios dos coletivos podem ser os mesmos, mas o modo que eles executam pode ser diferente.

Vinicius olha outra vez para o seu celular e percebe que perdera a hora do almoço, pois já passara do meio dia. O instituto NUA serve o almoço apesar de ter uma cozinha dentro do espaço do quebrada Sustentável. O rapaz barbudo pede para lhe mostrarem o local, então a dupla Elfo e índio branco se levantaram e disseram estar a disposição. Vinicius parecia mais calado e com aparência de cansado, apresentando cada plantação com um pouco de pressa, foi então que ele sugeriu que Marius apresentasse o local. Foi então que eles se aproximarem de mim.

O terreno do Quebrada Sustentável é praticamente a segunda casa de Vinicius. Ele pouco falou sobre sua vida amorosa e com quantas mulheres ele já morou junto, mas ele falava muito sobre permacultura, nos mínimos detalhes, podemos dizer que esse é o grande amor da vida dele e que esse local em que ele

frequenta quase todos os dias é mais que uma casa. Conhecendo o espaço, era possível conhecer Vinicius um pouco melhor, não mais através da fala, mas sim através das mãos, com a poesia que ele plantou em cada canto.

Enquanto o rapaz barbudo passava de canto em canto com um bloquinho de anotações na mão e uma caneta, Vinicius e Marius lhe mostravam o local. Ao lado da cozinha, se apresenta de forma amigável, com alguns objetos em seu interior, com o objetivo de funcionar com o modo de economia solidaria, que consiste que cada visitante troque um pertence por algo novo. Entre o armário e a cozinha, mesas de paletes recicláveis se apresentam. Enquanto passeava, Vinicius falava sobre meditação e como ela tem ajudado para a sua relação com a natureza.

Ao lado da cozinha o terreno continua, uma leve descida se apresenta e traz a tona uma graciosa casa de bioconstrução feita de barro, palha e areia. Vinicius costuma fumar seu cachimbo e ouvir suas músicas tranquilas dentro desse pequeno abrigo. Ao lado da casa, as PANC's (Plantas Alimentícias Não Convencionais) aparecem mostrando as suas variedades de fragrâncias, enquanto isso Marius explica sobre a função alimentícia de algumas delas. Eles passam por perto de mim, mas ainda não falam comigo.

Ao percorrer sobre as ervas medicinais, Vinicius é indagado pelo rapaz barbudo sobre as plantas que ele mais gostava, ele responde que duas o marcaram muito que é a Chacrona e a Jagube. A primeira é usada em rituais do Santo Daime e em xamânicos, sendo uma espécie nativa da floresta amazônica. A segunda também é original da Amazônia e é conhecida como o cipó dos espíritos, sendo muito importante no uso religioso.

Ao passarem pelo espaço, Vinicius fala sobre esse ambiente que é mais que uma casa, que pode produzir comida, por causa da plantação de diversas frutas, vegetais e PANCs, às vezes alguns almoços são realizados no local. A planta jequiriti é usada para fazer sabão e detergente. A Ypê amarela é uma árvore que também possui seus recursos naturais e foi trazida no período colonial, ela é usada para produzir enxada, arco e flecha ou adubo. Ambas as funções alimentícias das plantas, a produção de produtos de limpeza e utensílios do cotidiano são pensadas como uma futura fonte de renda para manter o projeto do Quebrada Sustentável. Os recursos naturais que forem retirados devem ser repostos, pois a natureza cobra a recomposição do solo.

Para ser mais específico, o local abriga mais de vinte plantas medicinais. Vinicius esclarece que as indústrias farmacêuticas precisam da natureza para produzir remédios, ele é contrario a química e enxerga que nas plantas temos a composição necessária para ter uma boa saúde. Ao lado de Vinicius e do rapaz barbudo, Marius dá algumas dicas sobre como consumir a folha da planta Dente de Leão. Ele diz que quatro folhas são suficientes para fortalecer o sistema imunológico e raramente ficar doente. Com esse assunto,

eles se aproximam de mim e pegam uma de minhas folhas. Marius dobra a folha e logo em seguida joga na boca, ele pede para que o rapaz barbudo faça o mesmo e é isso que acontece. Ambos fazem careta como se tivessem com um gosto amargo na boca, detalhe estranho ao meu conhecimento.

A água tem papel fundamental dentro do espaço. As plantas ficam no centro e em volta delas fica a nascente de um rio, que por algumas vezes deve ser limpa e isso requer o trabalho dos moradores do bairro, como eu já havia dito. Vinicius acompanha o rapaz barbudo e Marius no passeio dentro do terreno, com uma aparência cansada. Marius explica como se faz a nascente de um rio pela primeira aqui nesse texto eu vou a usar a voz de alguém, pois é algo técnico e bem curioso. “Parte do terreno onde plantamos deve ser mais alta, e lá vamos fazer algumas plantações, com espécies de plantas que vão absorver a água e filtrá-la. A água deve ser absorvida de cima para baixo, dessa forma ela ficara armazenada em diversas camadas abaixo do solo, formando futuramente lá embaixo uma nascente de rio.” Marius gesticulava para o rapaz barbudo e dava-lhe uma pequena aula com muita empolgação.

A água é um elemento muito discutido dentro do espaço do Quebrada Sustentável. Vinicius conta que eles possuem um filtro para tratar esgoto, chamado de verme. Ele relata que existem dificuldades para fazer a limpeza, pois os responsáveis por esse trabalho são contratados pelo Instituto NUA e se negam a limpar o filtro com produtos naturais, pois alegam que existe um contrato com uma empresa que repassam os produtos. Com esse empecilho, Vinicius não concorda com a limpeza do filtro, que está parado e sem utilização.

O espaço precisa estar em harmonia, existem plantas com funções determinadas, a Serralheira tem como objetivo atrair as pulgas, a anu come insetos, assim ajudam a preservar a couve e a alface. A água, como já foi explicado, precisa passar pelo local exato e criar uma nascente de rio. As formigas possuem uma função importante, elas levam nutrientes, arejam a terra e absorvem em troca, distribui o pólen para nascerem novas plantas. Vinicius brinca que o eucalipto é uma planta odiada por agricultores por absorver muitos nutrientes da biomassa, mas ele explica que se tiverem plantas para repor, o equilíbrio estará mantido e também haverá produção de energia. A palavra chave para permacultura é a harmonia.

O rapaz barbudo segue anotando as explicações de Marius e Vinicius sobre o local. Vinicius parecia realmente cansado, pois no mesmo dia teve que resolver alguns problemas do qual ele não mencionou, o seu almoço foi adiado, tanto que o jornalista pediu desculpa pelo incomodo. Após o pedido de desculpas Vinicius riu e disse que estava ali para ajudar, com uma voz calma e já um pouco desligado da conversa.

Vinicius já havia falado sobre meditação e a ajuda que lhe dá para se relacionar com natureza. Logo em seguida, chega uma moça e cumprimenta a todos que estavam no local e vai até Vinicius na casa de

bioconstrução. Ele se levanta e vai até a área coberta que fica em frente à cozinha para fazer a sua meditação. O silêncio é preservado no local e o rapaz barbudo apenas observa. Vinicius se deita no chão e já não se conecta tanto com o concreto e com o ambiente cinza da cidade, ele está mais próximo do ambiente verde e com chão de terra.

Meditação possui até um espaço próprio, de uma maneira peculiar. Uma peneira foi construída pelos integrantes do Quebrada Sustentável, ela era usada para a germinação de mudas, mas com o tempo passou a não ser usada. Ela tem uma estrutura de madeira que parece uma tenda e será justamente readaptada para ser um local para quem quiser meditar.

Vinicius com sua voz tranquila e com a responsabilidade de coordenar um projeto tem seus aliados para ajudá-lo, ambos agem em equilíbrio, sejam moradores do bairro ou amantes da permacultura. Na periferia, o encontro entre o verde idealista e o espaço cinza da mudança gera o Quebrada Sustentável e outros projetos ou coletivos que unem dois lados que estão muito próximos. O verde segue cercados por cercados por cercas, mas toda essa conversa mostrou que as plantas podem se espalhar e ocupar todo o resto da cidade. Enquanto eu refletia sobre esse assunto, Marius e o rapaz barbudo se aproximam de mim. Marius testa o conhecimento do rapaz, para saber se ele é um jornalista de boa memória e pergunta:

- Que planta é essa?

Indagado, o rapaz barbudo dá um sorriso e responde confiante:

-Essa é uma Dente de leão.